



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

EUCLIDES FERREIRA BARROS

**A ARTE COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM NO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

CAJAZEIRAS – PB

OUTUBRO 2012

EUCLIDES FERREIRA BARROS

**A ARTE COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM NO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores - Campus de Cajazeiras/PB, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da **Prof.^a Dra. Piedade Lino Videira.**

CAJAZEIRAS – PB

OUTUBRO 2012



B276a Barros, Euclides Ferreira.
A arte como facilitadora da aprendizagem no programa mais educação / Euclides Ferreira Barros. - Cajazeiras, 2012.
62f. : il.

Não disponível em CD.
Monografia(Graduação em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande,Centro de Formação de Professores,2012.
Contem Bibliografia e Anexos.
ISBN (Broch.)

1. Arte-educação. 2. Arte na aprendizagem. 3. Programa mais educação. 4. Aprendizagem-arte como facilitadora discente. I. Videira,Piedade Lino. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 7:37


EUCLIDES FERREIRA BARROS

**A ARTE COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM NO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

DATA DE APROVAÇÃO: 23 / 10 / 12 /

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Piedade Lino Videira
Presidenta da Banca/UFCG-CFP-UAE

Prof.^a Dra. Risomar Alves dos Santos
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Prof.^a Ms. Débia Suênia da Silva Sousa
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Prof.^a Ms. Hercília Maria Fernandes
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram na construção do mesmo, transmitindo conhecimentos, amor, alegria, paciência, determinação e coragem. Pessoas que sempre estiveram do meu lado, torcendo para que tudo ocorresse bem em minha trajetória acadêmica. Aos **professores**, aos meus pais, **João Ferreira Barros** e **Helena Paulina Barros** a minha digníssima esposa **Queila Guedes Feliciano Barros**. Sem vocês eu não chegaria onde me encontro hoje. Além deste trabalho, dedico o meu amor a todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **DEUS**, por ter me concedido a força de vontade para concluir esse trabalho.

À professora orientadora **Dra. Piedade Lino Videira**, por ter me aturado neste tempo de pesquisa e ainda me direcionado às leituras e aos meios pelos quais alcancei a conclusão deste trabalho.

Ao Campus da **UFCG/CFP**, por tornar possível a Academia de formação no curso de Pedagogia.

A minha esposa **Queila Guedes Feliciano Barros**, por ter aberto muitos horizontes e, assim, pudesse entender melhor a linguagem acadêmica. Obrigado pelo apoio durante esta árdua caminhada.

Aos meus pais, **Helena Paulina Barros** e **João Ferreira Barros**, por estarem sempre presentes nos momentos em que mais precisei deles nessa caminhada acadêmica.

Aos meus nove irmãos, **João Bosco, Antônio Neto, Francisco (Chio), José Hilton, Maria do Socorro (Corrinha), Livanaldo, Giselda, Geraldo e Maria Vilma**, por terem compreendido a formação que escolhi como carreira profissional.

A minha professora do ensino fundamental **Duda**, que praticava as atividades de Artes com ação e possibilitando a mim, desde pequenino, seguir esse caminho.

À **Maria Aldineide Teixeira dos Santos**, professora dos tempos de TELECURSO, por acreditar no meu potencial quando eu dizia que queria um dia entrar em uma Universidade Federal.

À **Escola Dom Moises Coelho** e a todos os sujeitos entrevistados, pois sem eles não teria chegado aos resultados obtidos nesta pesquisa.

À **Instituição** que me acolheu para a realização desta pesquisa. Agradeço também a todos os **Sujeitos** participantes.

É possível dizer, então, que Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas.

Jorge Coli

RESUMO

A presente monografia intitulada: **A Arte como Facilitadora de Aprendizagem no Programa Mais Educação**, é fruto de uma pesquisa realizada na Escola Estadual Dom Moisés Coelho, na cidade de Cajazeiras- PB, durante o primeiro semestre do ano de 2012 e fundamentada nos preceitos teóricos da arte como ferramenta importante para o universo educacional. O estudo foi desenvolvido com os objetivos de analisar como as atividades artísticas estavam sendo ministradas no Programa Mais Educação na referida escola, bem como investigar se os monitores que ministram as oficinas de Artes têm formação e/ou qualificação na área; ainda observar se o Programa Mais Educação, como atividade extraclasse, possui suporte de materiais pedagógicos para o desenvolvimento das atividades artísticas na escola e, por fim, analisar se os conteúdos trabalhados nas oficinas de Artes contribuem ou não para o desenvolvimento do aprendizado dos estudantes em sala de aula. A abordagem metodológica da investigação é de natureza qualitativa e baseada nos princípios da pesquisa descritiva e explicativa, respectivamente. Tais princípios permitiram descrever as características do fenômeno em estudo, assim como interpretá-lo devidamente. Vale ressaltar que, durante a coleta dos dados, o pesquisador não interferiu e tampouco modificou a realidade estudada, do contrário, este trabalho perderia sua validade. Sendo assim, procurei esclarecer quais fatores podem contribuir de alguma forma, para a ocorrência da problemática de estudo. A coleta de informações foi realizada por meio de questionário, entrevista e observação. No que tange aos resultados, a pesquisa revelou que os monitores selecionados como facilitadores das oficinas de teatro, dança, capoeira e banda de fanfarra são autodidatas. Constatei, portanto, que o programa não oferece formação aos seus monitores. Estes, por sua vez, recebem material didático-pedagógico disponibilizado pelo programa para o desenvolvimento das aulas a serem ministradas. No que diz respeito ao espaço físico, verifiquei que a escola necessita de novas instalações para o devido desenvolvimento das oficinas de teatro e dança. Quanto aos professores e estudantes, estes, reconhecem os inúmeros aprendizados que o ensino de Artes pode proporcionar aos educandos, os quais, por conseguinte, refletem positivamente sobre o desempenho intelectual, social, atitudinal e comportamental a eles mesmos atribuídos tanto em sala, quanto em suas vidas.

Palavras- Chave: Arte/Educação. Programa Mais Educação. Aprendizagem Discente.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate information about how arose the teaching of arts in Brazil, emphasizing the historical moments and topical; observing the Teaching of Art under the Law 9394/96, to promote the cultural development of students. Being the apex the foundation of the PROGRAMA MAIS EDUGAÇÃO, to implement in Brazilian public schools a new curriculum with Integral education. To achieve the objectives a research was done in the EACOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DOM MOISES COELHO. Having relevance the art and culture macrocampo where it develops: theatre, music, dance and capoeira. Observing the student's teaching and learning in the artistic field, as well as identifying the teaching. The methodology was through a specific questionnaire to each participant, resulting in a research oral and recorded. With this study, was characterized that the school offers its students and teachers, the opportunity to act as active and participating subjects in the specific artistic range, fulfilling thus, an encyclopedia of learning that art offers. Therefore, can be considering that the Art is, undoubtedly, a broad path for several forms of learning and so their powerful tools must be thorough in education.

keywords: art / education. Programa Mais Educação. student learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DE ARTE NO BRASIL	14
1.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTES NA CONTEMPORANEIDADE.....	16
2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	20
2.1 A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DOM MOISÉS COELHO.....	22
2.2 A PRÁXIS DOS MONITORES DE ARTES NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	28
2.2.1 Oficina de Dança.....	29
2.2.2 Oficina de Capoeira.....	33
2.2.3 Oficina de Música	36
2.2.4 Oficina de Teatro	39
3 A ARTE COMO FACILITADORA DO ENSINO/APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	45
3.1 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS OFICINAS DE ARTE	46
3.2 A VISÃO DOS/AS PROFESSORES/AS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS/AS EDUCANDOS/AS NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE

INTRODUÇÃO

A Arte é um instrumento essencial à educação. Isso porque acredito que, através dela, o educando tem a possibilidade de desenvolver habilidades contempladas pelas linguagens artísticas como, por exemplo, a dança, o teatro, as artes visuais e a música. Desde já, considero serem essas linguagens ações contribuintes para o processo de aprendizagem das crianças, dos adolescentes, dos jovens e dos adultos.

Face ao exposto, senti-me motivado a desenvolver tal estudo, este construído com o intuito de analisar como a Arte estava sendo ministrada pelos Monitores do Programa Mais Educação, destinado a atender estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental I, tendo como *lócus* a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras – PB, na Rua Padre José Tomás, nº 387, Centro. Cumpre dizer que o referido programa encontra-se em fase de “teste”, tendo sido implementado na escola supracitada no mês de fevereiro, do ano de 2012.

Os baixos índices de acúmulo de conhecimento, apresentados pelos/as educandos/as em grande parte pelas escolas públicas brasileiras, refletiram no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Essa realidade vem exigindo do Governo Federal a adoção de medidas educacionais eficientes para o enfrentamento e superação desse *déficit*. Por isso, o Governo Federal criou o Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº. 17/2007, a qual amplia a jornada escolar com atividades extraclases. Com isso, houve a necessidade de se reelaborar o Currículo Escolar, sob uma perspectiva de Educação Integral (BRASIL, 2010, p. 06).

Vale ressaltar que o Brasil tem destaque no quantitativo de leis e programas voltados à educação, saúde, moradia, saneamento básico, ao combate à pobreza, à violência contra a mulher/idoso/pessoas com deficiência, para a energia elétrica, dentre outros programas e leis. No entanto, o problema é que grande parte dos programas como esses não é exequível. Esse aspecto deixa em evidência a inoperância dessas ações públicas, ocasionada pela falta de reais condições de funcionamento dos programas.

Sem desconsiderar que o gigante espaço geográfico de nosso país é um complicador para o funcionamento dos Programas do Governo, devemos atentar para o fato de que os programas elaborados, quase sempre, são pensados sem levar em consideração as diversas realidades e singularidades do povo brasileiro. Eis um dos motivos do insucesso de algumas dessas propostas.

A condição de ser nordestino e profissional da área de pedagogia, além, é claro, da paixão pelas Artes, despertou em minha pessoa a curiosidade de analisar como as atividades artísticas estavam sendo ministradas dentro das demandas do Programa Mais Educação, especificamente, na Escola Dom Moisés, da cidade de Cajazeiras. Com isso, surge a necessidade de se investigar a ocorrência, ou não, de alguma formação para os monitores que ministram as oficinas de Artes e, dessa maneira, observar se os mesmo têm formação e/ou qualificação na área para tal empreendimento. Consequentemente, atentei para o apoio didático do Programa Mais Educação, ou seja, se este programa enquanto atividade extraclasse, predispõe de suporte material pedagógico necessário ao desenvolvimento das atividades artísticas. Por fim, este trabalho deteve-se a análise dos conteúdos trabalhados nas oficinas de Artes, no intuito de verificar possíveis contribuições ao desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes em sala de aula.

O aporte teórico/metodológico desta pesquisa tem suas bases nos estudos sobre Artes como área do conhecimento e desenvolvidos pelos/as autores/as MARIA ELOÍSA FERRAZ, (2009) ANA MAE BARBOSA, (2001, 2005, 2008), MIRIAN CELESTE MARTINS (2009), JORGE COLI (2006), BERNADETE ZAGONEL (2008), HOWARD GARDNER (1995), além do documento oficial do Parâmetro Curricular Nacional de Artes/PCN (1998), assim como outros que se fizerem necessários. Tais teorias potencializam o ensino/aprendizagem desse campo do conhecimento no cotidiano escolar. Concomitantemente, defendem que a Arte pode ajudar ao educando em seu desenvolvimento integral, quando transmitida por alguém que compreenda o potencial que existe no campo artístico, sabendo, portanto, utilizá-lo de forma multireferenciada e envolvendo as demais disciplinas que compõem o currículo escolar. Ainda sobre o assunto, a autora Ferraz (2009, p. 19) declara:

A escola, espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os estudantes têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais [...].

No que tange a metodologia utilizada na investigação, esta é de natureza qualitativa; baseada nos princípios da pesquisa descritiva e explicativa, respectivamente. Tais princípios possibilitaram-nos descrever as características do fenômeno em estudo, assim como a realização de uma interpretação adequada. Cumpre dizer que em nenhum instante ocorreu qualquer tipo de interferência na realidade estudada, por parte do

pesquisador, tendo em vista o claro e único interesse por esclarecer os fatores que contribuíam de alguma forma para a ocorrência do fenômeno de pesquisa (COSTA, COSTA. 2011).

A escolha da Escola Dom Moisés como lócus de pesquisa teve como principal motivação a adoção feita pela escola ao Programa Mais Educação, este, centrado no macrocampo da Arte e da Cultura, objeto de estudo deste trabalho. Estes campos se subdividem em quatro oficinas, quais sejam: dança, capoeira, música e teatro.

A escola, fonte desta pesquisa, foi fundada em 1951, completando atualmente 60 anos de existência e serviços prestados à sociedade cajazeirense. Seu funcionamento se dá nos três turnos, sendo que nos turnos matutino e vespertino funciona o ensino fundamental e no turno da noite a instituição oferece à comunidade um programa com Educação de Jovens e Adultos – (EJA). No que se refere à estrutura física da escola, é constituída de alvenaria e considerada bem conservada.

Os sujeitos da pesquisa foram os componentes da gestão escolar: o diretor, formado em História e a supervisora de ensino, com formação em Pedagogia. Além dos citados, quatro professores: uma professora de Língua Portuguesa, com formação em respectiva área, Letras, pertencente ao 6º ano; um professor de Matemática, correspondente ao 6º e 7º ano, graduando no curso de Ciências; uma professora do 5º ano, formada na área de Pedagogia; e uma professora de História, com graduação em área correspondente, História, a lecionar no 6º ano. Em nome do Programa Mais Educação tives o apoio do coordenador, formado em Administração e, atualmente, aluno do curso de Serviço Social.

Por conseguinte, a participação dos monitores que ministram as oficinas de Dança, Capoeira, Banda de Fanfarra e Teatro, todos em processo de formação acadêmica, porém, em áreas de estudo distintas das que lecionam no Programa, com exceção do monitor de Capoeira, o qual possui a titulação de mestre¹ na área. A faixa etária dos estudantes é de 11 a 18 anos, cursando séries/anos entre 5º e 9º anos.

A escolha desses sujeitos, para a coleta de dados, se deu por serem considerados representantes de uma parcela das pessoas que vivenciam o Programa Mais Educação. Cumpre dizer que à direção da escola coube repassar as informações gerais do funcionamento da instituição; ao coordenador do Programa, o direcionamento e conhecimento para/de cada participante; aos professores, competiu-lhes a transmissão

¹ A denominação de Mestre de Capoeira é devido a sistemática de graduação interna desse patrimônio brasileiro.

de informações sobre os educandos participantes do Programa; os monitores, por sua vez, contribuíram para a coleta dos dados que tratam do trabalho em suas respectivas atividades; aos estudantes foi conferida a prestação de depoimentos, através dos quais busquei conhecer o ensino de Arte e o trabalho exercido com as oficinas.

Os instrumentos utilizados para a coleta das informações necessárias foram questionários, estes, com perguntas estruturadas de modo específico e direcionadas objetivamente a cada um dos entrevistados. A escolha desse instrumento de coleta se deu por ser considerado acessível e facilitador para o registro preciso dos dados de pesquisa.

A necessidade de realização das entrevistas surgiu pela minha vontade genuína de ouvir e ver o comportamento de cada um dos sujeitos pesquisados. Com isso, a observação das oficinas de Arte foi de igual modo importante, pois, por esse meio, tornou-se possível verificar o desempenho dos monitores em suas respectivas realidades, bem como o comportamento dos estudantes.

A presente monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, é apresentada uma Breve Abordagem Histórica sobre o Ensino de Arte no Brasil, além de Algumas Reflexões sobre o Ensino de Artes na Contemporaneidade. No segundo capítulo, estão expostos a Trajetória Histórica de Implementação do Programa Mais Educação nas escolas brasileiras e, especificamente, na Escola Dom Moises Coelho, tendo como foco, para tanto, a ação conjunta que o Programa tem com a escola e a especificidade dos Monitores das oficinas de Artes.

No que concerne o capítulo seguinte, o terceiro, algumas discussões são feitas a respeito da Arte como Facilitadora do Ensino/Aprendizagem Escolar, da Percepção dos Estudantes sobre as Oficinas de Arte, como também algo sobre a Visão dos/as Professores/as em relação a Participação dos/as Educandos/as no Programa Mais Educação.

Por fim, espero que o desenvolvimento desse estudo e a socialização de seus resultados, em forma de monografia, possam juntos contribuir para o entendimento da Arte como instrumento-suporte aos/às educandos/as, sob vários aspectos, seja internamente, ou fora do Programa Mais Educação, além, é claro, das possíveis contribuições à organização e à fixação das noções aprendidas em si mesmas e em outros campos de estudo e, dessa forma, os professores consigam enxergá-la e valorizá-la para esse fim em âmbito escolar (BARBOSA, 2008).

1 BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu (PCN de Arte 1998, p. 20).

Neste capítulo, apresento uma breve discussão sobre a Trajetória Histórica do Ensino de Arte no Brasil, que tem como objetivo possibilitar ao público leitor desta monografia, clareza sobre os avanços legais dessa área do conhecimento, bem como contribuições relevantes ao desenvolvimento integral dos/as educandos/as.

O ser humano vem usando a Arte desde seus primeiros passos, sendo, portanto, algo que carregamos em nossas vidas com o pressuposto de facilitar a comunicação na terra. A humanidade utilizou a natureza como Arte, desde os seus tempos mais remotos, como forma de registrar suas ações cotidianas. Nesta perspectiva, as pinturas rupestres eram uma forma de comunicação natural que se dava através da Arte. Segundo Buoro (2003, p. 20), “A Arte, portanto, se faz presente, desde as primeiras manifestações de que se tem conhecimento, como linguagem, produto da relação homem/mundo”.

No movimento da história do Brasil, há registro de que em 1816 a administração colonial tinha o propósito de conferir e melhorar os costumes da população, para tanto, usaram os meios artísticos, a fim de dar um novo olhar a alguns padrões estéticos e inovar a estampa da paisagem local (FILHO, 2008).

Duílio Battistoni Filho (2008) deixa claro que em 1808, com a chegada de D. João, houve no ensino das Artes mudanças que tinha como objetivo a sua modernização. Assim, D. João impôs controle e centralização nas atividades artísticas. Contudo, “[...] a pedido do seu ministro Conde da Barca, o príncipe-regente mandou vir da França uma Missão Artística, em 1816, com o objetivo de criar no Brasil o ensino clássico e ofícios mecânicos [...]” (ibid. p. 41). Essa missão teve como chefes: críticos de Arte, pintores, arquitetos, escultores e gravadores.

Contudo, o Ensino de Artes no Brasil também teve uma forte influência de John Dewey, Filósofo norte americano, que foi professor de Anísio Teixeira, educador

brasileiro que tem seu nome marcado na História da Educação do Brasil por difundir o Movimento da Escola Nova, por volta da década de 30 (BARBOSA, 2003).

No Movimento da Escola Nova destaca-se, também, o grupo dos Reformadores da Educação de Pernambuco. Esse teve uma ação bem significativa para a prática da Arte nas escolas do Brasil. Nesta época, o Ensino das Artes foi se consumando e, assim, as crianças poderiam organizar e fixar noções aprendidas em outras áreas do conhecimento (Id. 2008).

No entanto, foi Anízio Teixeira quem usou as estratégias de Dewey, no intuito de transformar o currículo da escola e, dessa forma, inserir disciplinas de ocupações ativas, estudos naturais, ciência elementar, arte e história. Essa inclusão mudaria a atmosfera moral da escola, provocando – na sociedade burguesa da Bahia – um grande escândalo, fato esse que levou Anízio a pedir demissão de seu cargo (BARBOSA, 2008).

Logo, “Em 1930 o governo da Bahia convidou Teixeira para organizar os programas para as disciplinas das escolas primárias” (BARBOSA, 2008, p. 61). Teixeira aproveitou a oportunidade e lançou um novo programa de interrelação de disciplinas e, desse modo, usou os ensinamentos de Dewey com “relação ao que chamamos de sabedoria da mente e sabedoria do corpo” (MEIKLEJOHN apud BARBOSA, 2008, p. 61). Nessa perspectiva, a relação de trabalhos manuais e de caráter físico-corporal passou a ser considerada como atividades intelectuais.

Segundo Ana Mae Barboza (2008, p. 62):

A educação corporal foi realmente uma das armas de Teixeira para revolucionar a educação na Bahia, que é até hoje o estado brasileiro que mantém a liderança qualitativa no ensino da expressão corporal, dança e teatro.

Com esse efeito, a fama de Teixeira espalhou-se pelo Brasil de tal forma que passou a contribuir para a reformulação curricular nas escolas, das cidades brasileiras.

Desde então, muitos outros educadores preocupados com o ensino das Artes, seguiram militando, sempre com o objetivo de fazer com que a educação artística, atualmente denominada de Artes, fosse integrada como disciplina no componente curricular em todas as escolas do País. Em 1996, a Lei nº. 9394/96 (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º) de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabeleceu que o ensino de Artes

deveria ser constituído como “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

1.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTES NA CONTEMPORANEIDADE

Hoje, “o ensino de Artes é dividido em quatro modalidades, as artes visuais, as artes cênicas – que inclui o teatro, a dança e a música, das quais as artes visuais e a música constituem componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica e ensino médio”, como postula a LDB em seu art. 26, parágrafo 2º e a Lei 11.769/08, que determina a obrigatoriedade da música na escola, com a finalidade de fazer com que as escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, integrem aos seus currículos, na área de Arte, aspectos que identifiquem a cultura regional dos/as educando/as.

No que diz respeito à História da Arte, o PCN revela que, em meados do século XX, as disciplinas: Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, com concentração do conhecimento na transmissão de padrões e modelos das classes sociais dominantes. Através do PCN de Arte, podemos verificar uma lista dos trabalhos de habilidades manuais que se destacavam nas escolas tradicionais, chamados de “dons artísticos”. Nessas aulas os/as estudantes demonstravam uma visão utilitarista e imediata da Arte.

Nos anos 20 foram surgindo escolinhas de Arte, na tentativa de trabalhar a Arte distante das escolas convencionais da época. Conservatórios Musicais, Dramáticos e Escolas de Música são exemplos desse tipo de trabalho. Assim, essas escolas foram se multiplicando pelo país, tendo como trabalho o anúncio de movimentos culturais da época, bem como a modernidade e a vanguarda. Esses movimentos tornaram-se cada vez mais fortes e, conseqüentemente, fazem surgir a Semana de Arte Moderna² de São Paulo, no ano de 1922, que contava com a presença de vários artistas e modalidades artísticas, tais como: artes plásticas, música, poesia, dança, dentre outras. A Semana de Arte Moderna “teve como principal propósito renovar, transformar o contexto artístico e

²A Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Esta nova forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.

cultural urbano tanto na literatura, como nas artes plásticas, arquitetura e música” (SANTANA, 2007).

Nessa época, uma explosão de novas concepções sobre a modernidade e o papel das artes no Brasil fez com que esse pensamento se difundisse em manifestações sob a forma de depoimentos, de revistas e de movimentos diversos. A Revista Klaxon (SP, 1922), as revistas de música Ariel (SP, 1923), Brasil Musical (RJ, 1923) e a Revista Nova (PA, 1923-29) são ícones literários, no que diz respeito aos meios de divulgação dessas renovadas concepções.

Contudo, o PCN de Arte cita como as artes plásticas expandiram-se para a vanguarda e, com isso, fizeram surgir os museus de Arte Moderna e Contemporânea em todo país. A modernidade do teatro brasileiro se consolidou com os teatros de Arena e Oficina. O movimento do teatro marcou, de modo significativo, a população brasileira, pois, com ele, vemos destacar-se o potencial da criação e o envolvimento na sociedade.

Nos tempos atuais, muitos professores ocupam o momento da aula destinada a Arte com atividades de “passatempo”, que denotam simples recreação, sem cunho pedagógico. Portanto, o educador, que forma crianças e adolescentes, precisa desenvolver métodos de ensino das Artes e atividades voltados para a interdisciplinaridade possibilitando, desse modo, uma melhoria na compreensão dos conteúdos pelos educandos. Pensar nesse tipo de ensino é apostar no sucesso do processo educativo dos educandos, incentivando-os em ações de poetizar, fruir e conhecer as Artes (MARTINS, 2009).

A Arte é uma ferramenta pela qual se aprende brincando. Ressalto, neste momento, o que nos apresenta o PCN de Arte (1998, p. 19), ao refletir sobre o desenvolvimento artístico do/a educando/a: “O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar”.

A Arte entra na vida do/a educando/a como um processo criador de suas ideias, como propulsora das práticas artísticas, tais como o teatro, a dança, a música e as artes visuais. Nisso, o/a estudante passa a conhecer-se mais e a (re)conhecer mais o mundo que o/a cerca. Durante esse processo educativo podem ser desenvolvidas manifestações espontâneas e alto-expressivas.

Cumprir lembrar que existem, hoje, várias modalidades de artes, as quais são frequentadas por uma camada privilegiada da sociedade brasileira como, por exemplo, o

circo, a ópera, o cinema, o vídeo, a internet, a fotografia, as esculturas, o designer, a arte gráfica, a arquitetura, o grafismo, a serigrafia, dentre outras. Tais exemplos podem evidenciar uma gama de discussões, quando o assunto é a Arte, mas, infelizmente, torna-se notório que as escolas não se empenham na tarefa de ensinar alguns deles. Isso sem falar nos educandários localizados na zona rural e/ou no sertão, para os quais sequer cogita a possibilidade de se tornarem locais possibilitadores desse tipo de conhecimento e prática aos/às seus/suas educandos/as, já que nem imaginam que essas modalidades de Artes podem fazer parte do seu cotidiano escolar (ZAGONEL, 2008, p. 29).

Se a Arte passar a ser trabalhada em sala de aula com base nas quatro linguagens artísticas, poderá despertar no/a educando/a a sua imaginação, muitas vezes, sentida apenas em seu interior artístico, por meio de ideias e sentimentos que o/a aprendiz tem. Essa metodologia pode proporcionar um tipo de liberdade muito valiosa aos estudantes, a de (re)conhecer, em si, o poder de dar cores diversas às árvores, ao céu, dar nomes, dar formas aos objetos, poder ir de encontro com sua criatividade artística.

Portanto, trabalhar Arte/Educação torna-se um grande desafio para o professor, desafio esse que se faz maior quando o docente é levado a ministrar esse tipo de aula, sem que o mesmo tenha a devida preparação para isso. A esse respeito, a autora Zagonel (2008, p. 104) relata:

O professor tem um desafio enorme diante de si e, apesar de o ensino de Arte não ter na escola o reconhecimento que merece, o professor dessa disciplina deve ter consciência de sua importância e, conseqüentemente, de sua responsabilidade como agente e participante direto desse processo. Ele necessita, cada vez mais, buscar uma formação profissional adequada, que lhe forneça as ferramentas para cumprir dignamente com os propósitos do ensino artístico.

Concordo plenamente com a autora, quando esta diz que o professor de Artes deve buscar uma formação profissional adequada ao ensino dessa área de conhecimento. Assim sendo, só podemos ensinar algo a alguém, se tivermos o conhecimento teórico e prático necessário para suprir as necessidades dos alunos. Infelizmente, nem todos(as) pensam assim. Muitos professores, com formação em outras áreas do conhecimento, lecionam a disciplina de Artes e não buscam o aperfeiçoamento das diversas competências que existem para facilitar o ensino desse componente curricular.

Essas competências estão ligadas às quatro linguagens artísticas: dança, música, teatro e artes visuais, as quais não podem ser ensinadas pelos professores apenas com o objetivo de copiar e repetir o que o professor traz pronto e acabado. Segundo Ferraz (2009) ainda em pleno século XXI, esses atos de cópia de trabalhos são muito utilizados em sala de aula nas atividades de Artes. Professores levam desenhos já prontos para os/as estudantes pintarem. Seria muito mais proveitoso caso o professor deixasse o/a educando/a expressar sua criatividade, dessa forma, o estímulo à aprendizagem poderia ser mais satisfatório para seus/suas educandos/as.

Por isso, no desenvolvimento do trabalho pedagógico em relação à Arte, é importante que o docente trabalhe com várias atividades, como o teatro, a música, os jogos, as dinâmicas, as danças, dentre outras. Tais atividades possibilitam o contato afetivo nos trabalhos em grupo, pois, em conjunto, os/as estudantes podem obter conhecimentos atrelados ao trabalho social. Espera-se que esse tipo de contato proporcione a amenização do racismo e da exclusão que pode existir entre as crianças.

A Arte trabalhada nos anos iniciais, com essa perspectiva, torna-se de grande importância, já que, nessa fase, as crianças passam a se aproximarem do universo dos adultos e a compreendê-lo de acordo com suas possibilidades.

Assim, o ensino de Artes não deve ser mais visto como um passatempo na escola, mas sim como uma disciplina de valor, inserida de modo efetivo no currículo das instituições escolares. Com base nisso, o trabalho com as Artes deve ser realizado no intuito de promover o aprendizado das linguagens artísticas e, dessa forma, possibilitar o desenvolvimento cultural e social do aprendiz.

No entanto, para que se obtenha sucesso nesse empreendimento, os governos devem promover formação continuada aos professores que se prontificam a enfrentar o desafio de lecionar a disciplina de Artes, bem como as outras matérias que lhes são atribuídas.

No próximo capítulo, apresento uma discussão sobre a Implementação do Programa Mais Educação no Brasil e, em especial, na Escola Estadual Dom Moisés Coelho. Portanto, todos os olhares voltam-se, neste momento, para o ensino de Artes.

2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NO BRASIL

O objetivo deste material é convidar você a refletir sobre a implementação da educação integral na sua escola, procurando desenvolver uma educação que extrapola os muros da escola e vincula o processo de ensino-aprendizagem à vida (Brasil, 2010, p. 6).

Neste instante, faz-se necessária a apresentação da Trajetória Histórica de Implementação do Programa Mais Educação no Brasil, assim como, de modo especial, no local de pesquisa, a Escola Dom Moisés Coelho, da cidade de Cajazeiras – PB. Para tanto, será exposta a análise, na qual direcionei algumas discussões sobre o trabalho dos envolvidos no período de pesquisa, como pela Direção da Escola e pelos Monitores das oficinas do Programa Mais Educação. Vale lembrar que esta análise teve como finalidade perceber a relação da escola com o Programa. Além também de informações importantes ao entendimento de como ocorre o trabalho dos Monitores, desde sua preparação até a efetivação de suas atividades com os/as educandos/as, no que tange às linguagens artísticas.

Como já mencionado, o Programa Mais Educação é um projeto do Governo Federal que visa implantar, nas escolas públicas brasileiras, um novo currículo voltado para uma perspectiva de Educação Integral. Com isso, esse Programa tenta estabelecer uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, a fim de minimizar as desigualdades educacionais e valorizar as diversidades culturais brasileiras. Para tanto, foi necessária a formação de uma ação empreendedora das secretarias: “Ministérios da Educação – MEC, da Cultura – MINC, do Esporte – ME, do Meio Ambiente – MMA, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, da Ciência e da Tecnologia – MCT e, também, da Secretaria Nacional de Juventude e da Assessoria Especial da Presidência da República” (BRASIL, 2010, p. 7). Essa parceria visa envolver todos os atores sociais da escola, para que ambos venham a ganhar tempo, espaço, oportunidade e partilhar suas atividades. Vejamos o que diz o Programa sobre o assunto:

Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Isso porque a Educação Integral, associada ao processo

de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesse e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens (BRASIL, 2010, p. 7).

Contudo, esclarece o portal do MEC, que o Programa Mais Educação pretende fomentar atividades que levem a melhorias do ambiente escolar em atividades conjuntas, tendo como base os estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e fundamentado nos resultados da Prova Brasil de 2005, ambos, com a função de pesquisar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nas escolas do Brasil. Nesses estudos, destacou-se o uso do “Índice de Efeito Escolar – IEE³” indicando, possivelmente, o impacto que o espaço escolar oferece ao aprendizado na vida dos educandos, por sua vez, obtido no cruzamento das informações socioeconômicas do município, onde se localiza a escola.

No transcurso da pesquisa, sobre o Programa Mais Educação, foi observado que a idealização do Programa, inicialmente, era para atender às escolas que apresentavam baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), e poderia ser instalado apenas em cidades de grande porte, como capitais e regiões metropolitanas. Porém, com o “sucesso” obtido nos últimos anos, o Programa teve de ser expandido, para que mais escolas pudessem ser atendidas em todo o Brasil (BRASIL, 2010).

No Portal do MEC, consta que o Programa Mais Educação teve início no ano de 2008, atendendo 1.380 escolas, em 55 municípios, nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, com participação de 386 mil estudantes. Percebe-se os avanços do Programa no ano de 2009, ampliado para 5 mil escolas, de 126 municípios de todos os estados e no Distrito Federal, atendendo 1,5 milhões de estudantes inscritos pela rede de ensino, por meio de formulário de captação de dados gerados pelo Sistema Integrado de Planejamento. Em 2010, a meta do Programa visava dar assistência a 10 mil escolas nas capitais, regiões metropolitanas, além de beneficiar mais de três milhões de estudantes.

Segundo o portal do MEC, a escola que aderir ao Programa Mais Educação, ao desenvolver suas atividades, recebe a contra partida do Governo Estadual. O mesmo repassa, às instituições educativas, recursos para o ressarcimento de monitores, compra de materiais de consumo e de apoio de acordo com cada atividade. As escolas beneficiadas também recebem conjuntos de instrumentos musicais, rádio escolar, como também equipamentos e materiais que podem ser adquiridos pela própria escola com os

³ Indicador do impacto que a escola pode ter na vida e no aprendizado do estudante.

recursos repassados. Todavia, como o Programa trabalha em parceria com o Governo do Estado fica a cargo deste, em contra partida, a adaptação para as escolas que não têm um espaço adequado para manter o Programa. Caso os governos estaduais falhem com suas responsabilidades como pequenas reformas, construção ou adaptação de banheiros (para o banho dos estudantes), os problemas nas escolas poderão crescer e decorrer em mau funcionamento do Programa.

A educação que este Programa quer evidenciar é uma educação que busque superar o processo de escolarização tão centrado na figura da escola. A escola, de fato, é o lugar de aprendizagem legítimo dos saberes curriculares e oficiais na sociedade, mas não devemos tomá-la como única instância educativa. Deste modo, integrar diferentes saberes, espaços educativos, pessoas da comunidade, conhecimentos [...] é tentar construir uma educação que, pressupõe uma relação da aprendizagem para a vida, uma aprendizagem significativa e cidadã (BRASIL, 2010, p. 5).

O Programa Mais Educação é gerido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), para as escolas prioritárias (BRASIL, 2010, p. 9). Portanto, as atividades que contemplam o projeto do Programa ficaram divididas em macrocampos, a saber: Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Educomunicação, Investigação no Campo das Ciências da Natureza, Educação Econômica (BRASIL, 2010, p. 9).

Cada macrocampo se define de acordo com as atividades, em suas respectivas áreas. Sendo assim, priorizei como objeto de estudo as modalidades artísticas oferecidas pelo Programa Mais Educação aos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho, detalhadas a seguir.

2.1 A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL DOM MOISÉS COELHO

A Escola Dom Moisés Coelho foi contemplada com o Programa Mais Educação no mês de fevereiro, do presente ano de 2012. Atende, atualmente, 150 estudantes, distribuídos nas oficinas com um total de, aproximadamente, 25 educandos

em cada uma. A escola investigada optou pelos seguintes macrocampos: Acompanhamento Pedagógico - oferecendo oficinas de matemática, ciências e letramento, Meio Ambiente - ofertando a oficina de horta, Cultura e Artes - com oficinas de Dança, Teatro, Capoeira e Banda de Fanfarra. Para tanto, concordam que

O objetivo deste Programa é convidar os docentes a refletirem sobre a implementação da Educação Integral na sua escola, procurando desenvolver uma educação que extrapola os muros da escola e vincula o processo de ensino-aprendizagem à vida. (BRASIL, 2010, p. 6).

Os sujeitos que participam do Programa Mais Educação são estudantes que, por livre e espontânea vontade, se inscreveram para participar das oficinas que melhor atendessem suas necessidades, já que, ao se inscreverem em uma das oficinas ofertadas pelo Programa, os estudantes ficam em tempo integral na escola, o que dá um somatório de três dias da semana: segunda, quarta e quinta-feira. Essas atividades ocorrem em tempo oposto ao período de aulas.

Com o intuito de saber como o Programa Mais Educação foi recebido pela escola investigada, considerei relevante entrevistar o diretor da instituição, para saber o seu entendimento/conhecimento sobre o sistema implantado. O entrevistado mencionou que seu conhecimento sobre o programa é “pouco, porque o Programa está se estabelecendo no Dom Moisés, mas que temos uma boa visão sobre esse Programa” (DIRETOR F.F⁴). Considero que a fala do diretor revela uma prática recorrente em todo Brasil, no que tange aos programas governamentais. Não há discussão, do ponto de vista da orientação e viabilidade de seu uso com as pessoas decisivas nesse processo.

Apesar de o entrevistado ter afirmado possuir boa impressão do programa, isso é visto de modo problemático, porque, ele, na condição de gestor escolar, precisa ser ativo e propositivo na trajetória de implementação do Programa na escola Dom Moisés, para que possa cumprir com o propósito a que se destina.

A supervisora de ensino da escola também foi indagada sobre o assunto e respondeu que,

Pelo que eu sei, ele veio para dar um reforço escolar àqueles alunos que têm mais deficiência em português e matemática. Esse programa veio mais nesse sentido, para dar reforço aos alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem, porque a partir de outra atividade que o

⁴ Toda vez que me dirigir neste texto com abreviaturas estarei me referindo aos sujeitos da pesquisa, pois, pretendo preservar a identidade dos mesmos.

aluno tem extraclasse, ele melhora o seu rendimento em sala de aula. Assim, os alunos demonstram mais interesse nas aulas e criam um vínculo maior com a escola, e essas oficinas têm esse desenvolvimento, tanto em sala de aula, como fora dela também. Talvez um aluno que é indisciplinado em sala comece a participar de uma oficina de dança, teatro, música passe a demonstrar mais interesse nas aulas, atenção e participação (Supervisora R.R).

A Supervisora R.R fala que o Programa Mais Educação “veio para dar um reforço aos estudantes”, porém, a visão da Supervisora contrasta com um dos objetivos do Programa, pois as oficinas que são oferecidas não podem ser trabalhadas como reforço, mas sim como atividades complementares, o que significa o aproveitamento de outros estudos adquiridos pelo estudante em atividades extraclases.

No desejo de acessar mais informações acerca da implantação do Programa Mais Educação na escola, foi perguntado ao diretor como se deu a adesão do Programa na escola. Ele respondeu: “Através da Regional de Ensino, vendo a escola como uma escola de renome, chegando até à direção da escola e perguntando se aceitaria o programa e nós aceitamos e, até então, está dando certo”. Já a Supervisora R.R respondeu que: “Foi feito a inscrição no site e a escola foi contemplada, não sei muitos detalhes porque na época foi a direção que fez o projeto a nível federal”.

Percebe-se que há um desencontro de informações, no que se refere a esse tipo de questionamento. Pelos conhecimentos que adquiri, ao estudar o Programa Mais Educação, posso afirmar que este só é implantado na escola, caso seja feita a inscrição pela coordenação da instituição diretamente no site do Portal do MEC.

Dando continuidade às perguntas direcionadas ao Diretor FF, com a finalidade de saber qual era a sua opinião sobre a educação ofertada aos/as educandos/as, com base no que o Programa Mais Educação postula, ficou explícito que, na visão da escola, o Programa veio mesmo para dar suporte ao aprendizado dos estudantes. A esse respeito o Diretor FF, foi bem claro em sua resposta, quando afirma que o “programa está ajudando no crescimento dos educandos”. Por isso, ele acredita que,

[...] o nosso aluno venha a crescer através deste Programa, como o próprio nome já diz: “Mais Educação”. É turno e contra turno. Os alunos que estudam pela manhã participam das oficinas à tarde e se eles estudam à tarde, vem para fazer as oficinas pela manhã. E, assim, nós estamos vendo um grande desenvolvimento desses nossos alunos, pois, os alunos que estão participando desse Programa, a gente está notando, um grande crescimento nesse aluno. Eles se doam e se dedicam ao Programa e quando você se dedica a alguma coisa a tendência é de crescimento de ambas as partes.

Segundo os idealizadores do programa, este, foi pensado para contribuir com o crescimento dos estudantes, pois educação nunca é demais; sempre existem novos caminhos a serem trilhados. Na minha concepção, o Programa Mais Educação também é uma forma de ajudar às escolas a implementarem uma educação inclusiva.

Na opinião de Américo Peças (2003) “a escola nunca esteve órfã de ideias salvadoras”. O “Programa Mais Educação” é uma dessas ideias, pelas quais foram lançadas para a educação a inclusão de novas atividades educativas, em novos horários, com novas modalidades de aprendizagem, através das oficinas do Programa. Mas, precisamos atinar para as reais condições com as quais esse programa está sendo implantado nas escolas. Isso, para não nos iludirmos com a ideia e depois decepcionarmos com a falta de meios concretos de funcionamento e de manutenção, o que pode acarretar em descrédito perante a comunidade escolar e sociedade em geral.

Na opinião da supervisora R.R o Programa “É mais um compromisso que a gente tem, mais uma forma de trabalhar com esses alunos que tem mais deficiências em aprender [...]. Tudo que vem a acrescentar na educação, ela vai ter melhoria”.

Vale ressaltar que a educação apresentada pelo Programa é uma educação de inclusão, uma aliança com a família e com os responsáveis pelos educandos. Tendo em vista que, quando o diretor fala do horário, turno e contra turno das aulas, é preciso que os educandos tenham apoio de seus familiares e se mantenham na escola em tempo “integral”. A escola, por sua vez, deverá ser acolhedora. Os estudantes devem sentir-se à vontade e permanecerem como atuantes do Programa, uma vez que a escola é a grande responsável pela organização da aprendizagem dos educandos. Neste sentido, reafirmo a relevância do gestor, corpo técnico-administrativo, funcionários, familiares dos educandos, monitores e gestão do programa de estabelecerem um diálogo permanente, a fim de superarem os problemas que surgem.

A prática do Programa Mais Educação propõe aos estudantes novas experiências de aprendizagem. Através dele, os educandos passam a conhecer um mundo novo que, até então, estava encoberto aos seus olhos. A capoeira é um exemplo, (quem imaginaria que na escola iria ter uma oficina de capoeira?). Na Escola Dom Moisés Coelho, muitas oportunidades foram abertas para as crianças e adolescentes de seu grupo discente. Desse modo, cumpre ressaltar que:

A função do Programa Mais Educação é ver aquele aluno com menos risco de aproveitamento, então você vai trazer esse aluno para se integrar dentro da escola, dentro do Programa e assim vai funcionando, nós temos as oficinas de capoeira, a horta, a hortaliça, letramento, ciência, dança e teatro e assim sucessivamente iremos inserir o projeto da fanfarra com mais firmeza no Programa (DIRETOR FF).

De fato, o Programa, por meio da jornada escolar, deve atender crianças, adolescentes e jovens para diminuir as desigualdades educacionais. Por isso, a coordenação do Programa recebe uma listagem com todos os nomes dos estudantes que estão em situação de risco, vulnerabilidade social e sem assistência, bem como de estudantes que congregam seus colegas incentivadores e líderes positivos (âncoras), estudantes em defasagem série/idade, estudantes das séries finais da 1ª fase do ensino fundamental (4º/5º anos), nas quais há uma maior evasão na transição para a 2ª fase; estudantes das séries finais da 2ª fase do ensino fundamental (8º e/ou 9º anos), nas quais há um alto índice de abandono e estudantes de séries em que são detectados índices de evasão e/ou repetência (BRASIL, 2010, p. 13).

Diante do exposto, considero que a Escola Dom Moisés Coelho fica à margem de algumas proposições do Programa, pois esta escola pode atender apenas 150 estudantes. A explanação da Supervisora de Ensino R.R, a seguir, valida esta consideração:

[...] um ponto negativo é a quantidade de alunos que estão sendo atendidos, porque são 150 vagas para o Programa Mais Educação e na escola, só no turno da manhã, temos mais de 250 alunos inscritos; é uma quantia pequena diante da necessidade que nós temos. No tempo da matrícula são muitos alunos que procuram, e sem falar que aqueles que participam são assíduos nas oficinas; outros querem participar e não tem mais vagas.

Tive a oportunidade de participar do encontro regional no dia 09 de março de 2012, no qual todas as escolas da cidade de Cajazeiras – PB, que aderiram ao Programa Mais Educação (ao todo 30 escolas), estavam presentes. Nele, o encontro de todos os coordenadores comunitários das escolas.

Na oportunidade, chamou-me a atenção o fato de não se ter uma definição “fechada” sobre quem pode exercer a função de professor comunitário nas diretrizes do Programa em pauta. Considero relevante que o profissional que desempenhará essa função precisa ser qualificado e experiente, por ser:

Aquele que escuta os companheiros e estudantes, que busca o consenso e acredita no trabalho coletivo? Aquele que é sensível e aberto para as múltiplas linguagens e os saberes comunitários? Que apoia novas ideias, transformam dificuldades em oportunidades e se dedica a cumprir o que foi proposto coletivamente? Aquele que sabe escutar as crianças, adolescentes e jovens? Aquele que se emociona e compartilha as histórias e problemas das famílias e da comunidade? Um professor assim tem um excelente perfil (BRASIL, 2010, p. 15).

Fico a refletir sobre as exigências que são imputadas aos monitores comunitários, sem que tenham recebido qualificação necessária para a função árdua que desempenham. Constatei, pois, que o quadro de monitores é um aspecto problemático dentro do projeto.

Na conclusão do diálogo estabelecido com os coordenadores da escola investigada, foi feito o seguinte questionamento: qual a relação entre a direção da escola e a coordenação do Programa Mais Educação? O diretor F.F nos respondeu que a relação entre ambos estava,

Muito bem, a gente trabalha em parceria, porque você sabe que não funciona sozinha a direção, nem funciona sozinha uma coordenação, tem que ter uma parceria e é assim que nós trabalhamos aqui no Dom Moisés, tanto no Programa Mais Educação como nos outros programas que funcionam aqui na escola.

A Supervisora de Ensino manifestou-se em sintonia com o diretor da escola dizendo, “Agente vem trabalhando junto, nós não fazemos nada separado, em evento, em tudo a gente trabalha junto, direção, supervisão e a coordenação do Programa Mais Educação”. Sobre esse aspecto, realmente, no período de visita à escola, conversas entre a direção da escola e a coordenação do Programa foram assistidas. Porém, é válido considerar que tais conversas não constatarem uma efetiva harmonia entre as partes mencionadas.

Por ora, encerro esta discussão tendo como fundamento a declaração de Élie Bajard (2002, p. 64), quando este diz que:

[...] o serviço de informação escolar, deve ser um centro de atividades diversificadas e de encontro entre pessoas: alunos, pais, professores, funcionários, mais também de todos os atores sociais que não compartilham o dia a dia escolar.

Portanto, é necessário que a escola, a coordenação do programa e a comunidade, como um todo, trabalhem conjuntamente, para que, assim, possam obter sucesso na Implantação do Programa Mais Educação na Escola Dom Moisés Coelho.

2.2 A PRÁXIS DOS MONITORES DE ARTES NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Esse item da investigação traz para a discussão o trabalho dos Monitores⁵, em específico, daqueles que ministram as oficinas de Artes nas áreas de dança, teatro, música e capoeira, com base no Programa. Conversei com cada um dos Monitores de Artes e, felizmente, a tarefa de entrevistá-los foi fácil. Cada um se portou de modo acessível, com vontade de expressar suas experiências e ideias sobre e no Programa Mais Educação. A primeira entrevista se deu com a Monitora de Dança, esta se mostrou muito simpática, declarando que desde adolescente está inserida em grupos de Dança.

O Monitor de Capoeira demonstrou ser uma pessoa agradável de conversar e simpática. Declarou ser mestre em Capoeira e amar o que faz e, com isso, está adorando trabalhar essa arte na escola. Por conseguinte, chegou o momento de conversar com o Maestro da Banda de Fanfarra o qual demonstrou ser um jovem que gosta daquilo que faz, “se uma pessoa não gostar de música, ela não gosta de mais nada”, declarou o Maestro. Por último, a entrevista se deu com o Monitor de Teatro, este, apresentou firmeza em suas explicações; mencionou trabalhar com teatro há muitos anos, no entanto, o seu forte é a arte plástica.

Esses Monitores, certamente, desenvolvem um trabalho interessante com os estudantes nas oficinas de Artes e, para isso, investem no estudo. Corroboro com o pensamento de Serrão (2006, p. 119) quando revela que o estudo,

[...] não é algo passível de ser realizado sozinho, é uma atividade conjunta, social. Pressupõe necessariamente a comunicação e a relação com o “outro”, tanto pela produção cultural materializada em algum objeto material ou simbólico [...].

O estudo faz com que o sujeito aprofunde a historicidade da temática a ser ensinada, sendo capaz de transmitir conhecimentos verdadeiros para os/as educandos/as.

⁵ São esses que chamo de facilitadores das atividades de oficinas do Programa Mais Educação na Escola Dom Moisés Coelho.

2.2.1 Oficina de Dança

À *priori*, o diálogo foi com a Monitora da oficina de Dança a qual será chamada de AL. Em virtude da observação de suas oficinas, pude perceber que ela, realmente, desenvolve sua função de facilitadora da dança; seus ensinamentos são voltados para a dança clássica; modalidade de dança denominada de balé clássico. Sendo assim, e pensando bem, podemos nos indagar: que inteligência comporta essa modalidade?

De acordo com Gardner (1995) ao apresentar as sete inteligências múltiplas, ele nomeia uma delas de Inteligência Corporal Cinestésica, a qual tem a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos utilizando o corpo, demonstrado por dançarinos, atletas, artistas e dentre outros que apresentam essas manobras corporais altamente desenvolvidas. Portanto, cabe referir-nos à dança como uma Inteligência Corporal – Cinestésica.

Nesta perspectiva, a Dança é, pois, um elemento que desenvolve no educando um significativo aprendizado. Mas, para que essa transmissão de conhecimentos aconteça, o monitor precisa ter as bases teóricas e práticas necessárias ao seu campo de atividade. A monitora de dança AL demonstrou ter conhecimento sobre a dança, haja em vista ter participado de vários grupos afins e de oficinas. Essa experiência possibilitou-lhe adquirir habilidades para essa arte, a dança. Durante a entrevista AL revelou que suas vivências nesse tipo de arte foram várias:

[...] eu já participei de um grupo que, na verdade, era uma formação mais aprofundada; não tinha só em mente aquela parte de dançar, de saber apresentar uma dança, mais ficar instruídos realmente como pessoas capacitadas. No caso, era o coordenador do curso, que era uma pessoa muito capacitada. Uma pessoa que pesquisa muito, lê muito e que está nesse ramo porque gosta. Então, neste grupo, de certa forma, eu aprendi muita coisa. Mais, a maioria das coisas que eu sei, eu aprendi no grupo “Gente Nova”. Eu passei cinco anos lá, que foram muito bem aproveitados. E também já faz três anos que eu faço balé. E quando eu estava no meu segundo ano, a professora de balé disse; ela era diretora de uma escola, estava precisando de duas professoras, e como eu e uma amiga minha éramos as maiores, como ela fala, então ela começou a preparar a gente para dar aula. Desse modo, ela convidou a gente para observar as aulas que ela dava para as outras turmas para que, assim, a gente pudesse pegar mais experiência e ir descobrindo o universo da dança.

Na opinião de AL, a dança possibilita inúmeros aprendizados aos/às educandos/as. Segundo ela, “a dança é primordial para desenvolver a expressão corporal, para desenvolver o corpo em si e o comportamento”. Por isso, pode ser avaliada como uma oficina que liga-se diretamente à ética e valores. Consideramos fundamental, portanto, que a dança seja trabalhada tanto na sala de aula, como em qualquer ambiente sociocultural. A dança também vincula-se a Educação Física e, quase sempre, não é incorporada às pedagogias da área.

A monitora AL utiliza em sua práxis uma metodologia substanciada na experiência que acumulou sobre a arte da dança. O fato dela não ter acesso facilitado à literatura da área, não a impede de dinamizar suas aulas. Segundo o PCN de Arte (BRASIL, 1998, p. 29):

[...] De todas as linguagens artísticas, a de Dança é a que mais se recente dessa ausência de publicações ligadas à área de Arte. Aquilo que se tem geralmente expressa uma visão bastante espontaneísta e/ou tecnicista da dança, não se discutindo com a profundidade requerida, por exemplo, as relações entre dança, corpo, sociedade e cultura brasileira e o processo educacional.

A referida monitora reconhece essa falha na sua formação. Além disso, a região em que nos encontramos não dá subsídios para tal desenvolvimento, daí não possuir qualificação acadêmica na área, “curso não, eu só participei de oficinas ministradas por Hernandes, onde o foco dele era mais o teatro e a dança. Então, ele ensinava técnicas tanto para trabalhar com o teatro e com a dança. Essa oficina foi uma preparação do elenco do Alto de Natal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes”, revelou AL em nossa conversa.

A afirmação da monitora reflete a realidade local, já que no sertão paraibano inexistente uma escola de dança com profissionais da área; existem apenas academias de dança, com aulas ministradas por autodidatas que tentam transmitir o pouco que sabem.

Durante a realização das oficinas de balé AL, antes de tudo, fazia os alongamentos com os educandos. Nesse momento, ela chamava a atenção dos meninos e meninas para a postura e disciplina do corpo. Apresentava maneiras adequadas de como caminhar, de postura, tanto na escola como fora dela. Isso porque o balé é reconhecido também pela disciplina na postura das pessoas. Vejamos o que Martins Ferreira (2010, p. 206) fala a respeito desse estilo de dança:

O balé, trata-se de um modo de representar algo sem utilizar o recurso verbal na expressividade, mais sim o movimento do corpo, sendo que tal movimento é coordenado a partir de referenciais fornecidos pela sonoridade musical. Assim o Balé enquadra-se na categoria daquilo a que chamaríamos de “dança de exibição”, atingindo seu requinte dentro da expectativa do mais elevado nível técnico na arte de dançar.

O estilo de dança adotado pela professora AL, ainda hoje, é um ritmo que sofre muitos preconceitos na sociedade, pois, vez ou outra, presenciamos discursos como: “balé é para meninas; homem que dança balé é gay, veado ou bicha!”. Essa visão preconceituosa, a meu ver, já vem impregnado nas crianças, devido comentários dos próprios adultos com os quais convivem, esses relacionam estilo de Dança com sexo masculino ou feminino.

Na região em que vivemos, sertão paraibano, esse tipo de preconceito ainda é muito forte. A escola pode ajudar a, ao menos, diminuir esses incidentes, mas ela sozinha não conseguirá desmistificar essa lacuna temporal de preconceitos. Digo isso, porque ao perguntar a monitora sobre o interesse dos estudantes pela oficina, a mesma foi bem clara ao dizer que:

Até hoje eles demonstram um grande interesse, no que diz respeito a tudo que é feito, como nos alongamentos, diferente do que eu imaginava, porque como é dança, eu pensei que eles fossem se deter por ser balé clássico. Eles até pediam nas primeiras aulas: “coloca forró, vamos dançar o quê? funk?” Daí eu achei que eles iam apresentar uma grande resistência. Mais quando eles começaram a perceber, depois que eu fiz um trabalho de conscientização da importância do alongamento, da importância da preparação do corpo pra qualquer ritmo trabalhado, então eles começaram a se interessar mais; tanto que algumas alunas providenciaram algumas sapatilhas, que foi um dos materiais que faltaram. [ou seja, não foram disponibilizados pelo programa – Grifo nosso].

Nesta perspectiva, é importante lembrar que dançar ajuda o ser humano não só a desenvolver o seu corpo fisicamente, como também no processo de desenvolvimento das faculdades mentais, pois quando o corpo se movimenta o cérebro trabalha com mais facilidade.

Sempre pensei na dança como uma linguagem. Uma linguagem que fala através do corpo humano. A clareza com que essa linguagem fala depende da clareza com que o corpo é capaz de articulá-la, pois creio que com a clareza da articulação vem a clareza da comunicação (MARTINS, apud, LOUIS, 2009, p. 59).

Portanto, a dança é uma comunicação do corpo. O professor, ao ensinar a dança para os educandos, pode aperfeiçoá-la em articulação com a comunicação corporal e, assim, fazer com que entrem no campo da Inteligência Corporal - Cinestésica que Gardner (1995) menciona.

A fala da monitora AL reafirma o pensamento de Gardner, pelo qual evidenciamos que a dança contribui para o aprendizado dos educandos, vejamos:

Tende a trabalhar, melhorar e aprimorar as habilidades motoras dos alunos, bem como aprimorar também as danças rítmicas nos educandos. Melhora o comportamento em sala de aula e fora dela, a interação entre eles, ao respeito e, de certa forma, as disciplinas de ética e valores. Também amplia o repertório motor, porque na medida em que eles vão fazendo o alongamento, eles vão conhecendo novas formas de aprimorar as habilidades que já falei anteriormente, e também vão conhecendo o próprio corpo na medida do alongamento, quando eu vou explicando para que serve cada exercício (MONITORA DE DANÇA).

A dança é uma atividade artística que abrange todo o corpo do sujeito envolvido, a exemplo de um coreógrafo ao montar uma coreografia; ele faz uso de todos os movimentos corporais, para que, assim, surja a sincronização dos movimentos. Ao trabalhar dessa forma estará lidando com a Inteligência Corporal – Cinestésica do grupo envolvido.

Quanto ao material pedagógico utilizado na oficina de balé por AL, destacam-se: som, tv, cd's, dvd's, sapatilhas de ballet, bem como “no caso seria o som a linguagem que é um recurso oral que eu utilizo e o quadro que tem momento que eu utilizo para fazer dinâmica que os estudantes precisam ler e depois executar”, revela AL.

Outro fator relevante para o desenvolvimento das oficinas de dança no Programa são os materiais didáticos pedagógicos. Segundo AL a aquisição destes se dá “através da solicitação que é feita junto ao coordenador do projeto, que junto à gestão da escola providencia os materiais”. De fato, esses materiais existem na escola e são utilizados pela monitora.

Sobre o planejamento das aulas de dança AL destacou:

[...] Eu pesquiso em dois livros que têm atividades de coordenação motora e recreação de educação física, que são adaptados ao contexto da dança, dá certo. E também pesquiso na internet, porque a internet é uma fonte muito rica em pesquisa, pra quem sabe utilizar. Então, é de

lá que eu tiro algumas dinâmicas, outras eu crio, porque da experiência que eu já tenho de sala de aula, muitas vezes, não precisa você nem pesquisar uma dinâmica, porque a partir daquelas que você já realizou surgem outras e outras. Isso serve para complementar o trabalho do alongamento.

Concluo, então, que ao elaborar uma aula de Arte o professor deve estar preparado, formado, habilitado e muito inspirado, pois nesta aula se trabalha com muitas linguagens que fazem parte do dia a dia das crianças, adolescentes e jovens. Esses atores sociais são preocupados com o que vão aprender na próxima aula de Arte. Para tanto, os/as professores/as devem trabalhar com pressupostos que tenham como princípio a criatividade, a expressão, a coordenação, além de outras habilidades igualmente importantes.

2.2.2 Oficina de Capoeira

Essa modalidade artística também faz parte da Inteligência Corporal – Cinestésica. A Capoeira é um jogo de ritmos que se enquadra nas diversas atividades corporais, e que pode ser inclusa na educação escolar no contexto da disciplina de Artes.

A capoeira é potencialmente alegre e provedora de alegrias. A começar pela multiplicidade de facetas que ela apresenta. Dança, jogo, luta, esporte, cultura, folclore, história, filosofia de vida. Ela é capaz de comportar em um mesmo ambiente os anseios mais diversos e satisfazê-los de modos distintos. Didaticamente, a Capoeira oferece condições para se despertar à alegria e o interesse pelo saber. A Capoeira é por essência um ambiente de múltiplas interações pessoais que propicia, através das variadas situações que se apresenta uma melhor percepção do aluno de si e dos outros, tanto externamente, nas suas potencialidades físicas, como internamente (Blog da Capoeira Pedagógica, 2012).

Na Escola Dom Moisés Coelho, a Capoeira é uma das novidades para os/às educandos/as que participam do Programa Mais Educação, estando, pois, inserido no macrocampo de Arte e Cultura. Esse tipo de atividade proporciona um excelente condicionamento físico aos seus praticantes e é, sobretudo, um meio educativo relevante que desperta interesse dos educandos na escola.

O Mestre VM, até chegar a sua condição atual de monitor de capoeira, vem somando experiências ao longo dos anos, nesta e nas demais áreas artísticas, como veremos em sua fala abaixo:

Na capoeira a gente engloba quase todas as linguagens artísticas, porque a capoeira [...] ela não só é um jogo de pernas, na capoeira a gente trabalha a história, dança, música [...] então ela é uma arte completa. A capoeira [...] ela tem a dança, tem o maculelê, o samba de roda, tem o frevo, tem a puxada de rede. A gente ainda passa vídeo da cultura afro-brasileira.

O depoimento do Mestre VM, não deixa dúvidas sobre a relevância da capoeira à formação integral do ser humano face aos múltiplos campos de conhecimento que ela transita. É evidente que esses elementos artísticos integrados à capoeira, dentro da escola, como uma atividade diversificada, sem dúvida chamam a atenção dos educandos.

Assim como a dança, a capoeira está sendo adotada por várias escolas brasileiras. Afirmando isso, pelos vários sites de pesquisas encontrados na internet, pelos quais pude verificar a abordagem da Pedagogia da Capoeira na escola. Por sua vez, os/as mestres/as dessa modalidade artística são exigidos do ponto de vista do conhecimento que possuem sobre a área.

Por isso, é indispensável que um/uma Mestre/a em Capoeira tenha vários cursos e tenha participado de oficinas na área, que ajudarão em suas práticas educativa/sócio/cultural, conforme afirmou o próprio Mestre VM: “eu sou Mestre formado, dou palestra sobre a Arte da Capoeira, já participei de seminários, participo de eventos fora do estado, sempre estou viajando participando de oficinas, congressos de batizados e promovendo também”.

No momento em que a escola acolhe profissionais qualificados para ocuparem funções formativas, sem sombra de dúvidas as aulas serão muito mais proveitosas, no que diz respeito ao processo de aprendizado dos educandos.

A busca feita pelo Mestre VM pela sua recorrente qualificação profissional está refletida na metodologia por ele utilizada para ministrar suas aulas no Projeto Mais Educação.

A minha metodologia eu começo onde o aluno pode compartilhar com o professor, pois sabemos que o professor não só ensina, ele aprende também. Porque se você só jogar, jogar para os meninos e não explorar o potencial deles, jamais eles vão se interessar. Primeiro eu passo os movimentos para eles e vejo o que eles têm para mostrar com esses movimentos. É um método de toma lá da cá, porque assim fica mais interessante; a vontade de participar se torna maior deles, porque

eles estão participando não são só como ouvintes, eles ajudam no desenvolvimento da aula.

O célebre pedagogo Paulo Freire (1996, p. 59) ao falar sobre esse processo de ensino recíproco, já dizia que “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando [...]. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros [...]”.

No meu ponto de vista, o professor deve, em qualquer que seja a sua aula, instigar o poder criativo dos educandos, pois, assim, eles mostrarão seus conhecimentos prévios a respeito do que está sendo exposto pelo docente.

Ainda segundo Freire (1996, p. 59-60),

O Professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de está respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredi os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

O Mestre VM tem o entendimento acertado de que o educando não é um recipiente vazio e tampouco um “idiota” que precisa ser preenchido de conteúdo e ou teleguiado pelo professor. Por isso, em suas aulas fica evidente que mestre e aprendizes dialogam e são potencializados mutuamente dentro de sua práxis. VM investe também nos recursos didático/pedagógicos, quais sejam instrumentos de percussão, pandeiro, berimbau, atabaque, bem como apostilas, músicas, vídeos, tv e som para o desenvolvimento de suas aulas.

Para finalizar o diálogo com o Mestre VM, busquei saber a sua opinião sobre as contribuições que o ensino da capoeira pode proporcionar aos educandos.

A Arte ensina, principalmente, na questão da atenção na escola, o desenvolvimento psicomotor deles, a coordenação. O que venho escutando dos professores é que os meninos que estão tendo melhores resultados nas aulas, são meninos diferenciados na sala, são meninos mais educados, segundo os professores, e o desenvolvimento nas notas também é muito bom. O Projeto Mais Educação tem todo um acompanhamento escolar. Então, a gente dirige os alunos na sala de aula e no Programa, porque se você não acompanhar esses meninos,

eu acho que o nosso trabalho nunca vai surtir efeito, então, para isso, é necessário que tenha um acompanhamento.

Vimos o que a Inteligência Corporal – Cinestésica é capaz de potencializar as habilidades corporais e humanas nos educandos, quando praticada com o devido acompanhamento de pessoas que entendem sobre o assunto. Esse é um dos grandes problemas que as escolas enfrentam nos dias atuais, a falta de profissionais qualificados para ministrar as aulas de Artes. Como pudemos perceber, a Escola Dom Moisés Coelho faz diferente, pois procura pessoas que tenham formação e/ou habilidades com as práticas de Artes, haja vista o Programa Mais Educação não proporcionar qualificação aos seus monitores. Desse modo, recrutar pessoas que já tenham algum acúmulo de informações e experiências nos macrocampos do projeto foi uma preocupação da escola.

2.2.3 Oficina de Música

Esse tipo de linguagem artística faz parte da Inteligência Musical. Segundo Gardner (1995) essa inteligência é uma capacidade específica, natural do sujeito. Mas, qualquer outro ser humano pode manifestar essa inteligência, a partir da prática e dos estudos sobre a Música. A música quando ensinada é aprendida. É possível observar essa teoria na prática do colégio Dom Moisés Coelho. Existe, nesta escola, uma Banda de Fanfarra, para a qual a maioria dos estudantes da escola entrou sem saber tocar qualquer instrumento mas, mesmo assim, aprimoraram técnicas musicais referentes à fanfarra, seguindo sempre as orientações do maestro/regente.

A Música é, dentre as linguagens artísticas, a mais consumida, acessível e presente no dia a dia dos educandos. Nesse ínterim, a escola tem um papel muito importante para com os estudantes: passar para eles os ensinamentos desta manifestação cultural. Para tanto, cabe ao regente da banda apresentar os elementos musicais aos educandos, por exemplo, “o som e o silêncio, os diferentes timbres dos instrumentos, a noção de ritmo, dentre outros, como conteúdos de uma iniciação à música” (Nova Escola, 2012).

O Diálogo tido com o Monitor/Maestro foi, também, no intuito de saber sobre sua formação na área de monitoramento, ou seja, seu conhecimento sobre a música. Ele declarou: “Na parte de música já tive várias experiências, como encontros de bandas,

viajando por aí, e em banda sem ser na área de fanfarra... tocando em bandas carnavalescas, dentre outras”. Ainda sobre sua afinidade com a música o Maestro mencionou,

Eu só trabalho na área de música mesmo, de bandas, eu tenho mais afinidade em tocar trompete, bateria e todos os instrumentos de percussão, que são mais usados na banda de fanfarra. Sim, fiz um curso técnico no antigo CEFET, (Centro Federal de Educação Tecnológica) que hoje é IFPB (Instituto Federal da Paraíba), mas não cheguei a concluir porque o regente teve que sair da escola, mais isso aconteceu no final do curso e não tivemos o recebimento do certificado, porém, o que vale é o conhecimento.

A oficina de música não foi completamente integrada ao Programa Mais Educação, porém, muitos estudantes que participam do Programa fazem parte da Banda de Fanfarra. Ao falar sobre a banda, o Diretor F. F afirmou que o projeto desta área será incluso por completo na próxima etapa do Programa.

No decorrer da entrevista, o Maestro foi indagado sobre a forma como elabora suas oficinas de música. Em resposta: “Eu procuro trabalhar em cima das apresentações de eventos, então a gente vai trabalhar as músicas que se encaixe naquele evento, por exemplo: um evento de igreja, a gente procura tocar músicas religiosas”.

Particularmente falando, foi uma emoção para mim, observar a Banda de Fanfarra tocando. Crianças, adolescentes e jovens dando vida ao som, ao tocar seus respectivos instrumentos, foi verdadeiramente marcante. Acredito que são em momentos como esse que a Arte toma conta da vida dos educandos, proporcionando-lhes a alegria de irem e se fazerem presentes na escola.

Para o autor George Snyders (1988, p. 13) a alegria na escola é fundamental, por isso, “para dar alegria aos alunos, coloco minha esperança na renovação dos conteúdos culturais”.

A música é alegria e está presente em muitas situações de nossas vidas, seja em momentos felizes, tristes, como ao casar, ao namorar, nas brincadeiras, ao amar, enfim, a música é um elemento artístico que sempre estará presente na vida do ser humano.

Esse tipo de Arte pode ainda ser ligado a outras disciplinas, como menciona Martins Ferreira (2010, p. 25), “a música é uma arte muito antiga e muito particular (por ser a única a trabalhar com os sons), assim ela acaba sendo objeto de muitos estudos científicos durante a evolução da humanidade”.

Para um melhor entendimento por parte dos leitores desta monografia, sobre o gênero musical conhecido como Banda de Fanfarra, digo-vos que se trata de um “concerto”. Isso porque suas apresentações são públicas, em que forma-se um conjunto volumoso de músicos, cada um deles a tocar um instrumento musical específico do especialista, na finalidade de articular e extrair dos instrumentos a melhor sonoridade e expressividade possíveis (FERREIRA, 2010).

Na Banda de Fanfarra da Escola Dom Moisés são utilizados instrumentos que montam a acústica da banda e compõem o material pedagógico das aulas de música. Sobre esse aspecto diz o Maestro: “A gente usa duas partes de percussão, que a maioria é de percussão, porque é banda de fanfarra, a gente utiliza o nove e meio, tarou, caixa, surdo, pratos e lira e eu acompanho com o trompete”. Nesse embalo o som vai se formando e a música se torna algo agradável para os ouvidos de muita gente. Como diz a autora Martins (2009, p. 76), em texto publicado no livro Teoria e Prática do Ensino de Artes:

A música é algo feito por seres humanos para seres humanos. Ela pode ser considerada uma linguagem inclusive porque se organiza a partir de certos pressupostos (escolha de sons, maneiras de articulá-los etc) que garante a ela aquilo que se poderia chamar de coerência interna. Alguma coisa que esteja fora dela, pois a música pertence ao universo não verbal. [...] Tomada como linguagem, ela não possui referentes [...].

Os componentes da banda – somados – chegam a um total de 30 participantes. São estudantes que interagem bastante com o Monitor na hora das aulas. O Maestro declarou que os/as discentes gostam muito de interagir nas aulas, “às vezes eu chego aqui querendo passar uma música nova, eles mesmo dão ideia de como melhorar, ‘porque a gente não faz assim’? aí eu vou lá, vejo se dá certo. Eles interagem muito comigo e com os colegas. Eles são muito participativos, só faltam quando estão doentes”.

O Maestro conta que a banda também faz apresentações em outros contextos sociais, e os educandos apreciam bastante as viagens que fazem para se apresentarem em lugares diversos. Os cachês artísticos que recebem servem para a aquisição de instrumentos musicais, pois, até o momento, essa atividade artística não integra o Programa Mais Educação e, por esse motivo, não dispõe de recursos financeiros para a aquisição de instrumentos musicais.

Para Zagonel (2008), a música é uma das linguagens artísticas mais comercializadas do mercado, pois ela é uma alegria imaterial, transformada em mercadoria, por isso a música poderia ser o foco principal do consumo cultural. Para tanto, é preciso que saibamos qual consumo cultural queremos incentivar.

Mediante grande procura de estudantes interessados por participar da Banda de Fanfarra da Escola Dom Moisés Coelho, alguns critérios foram estabelecidos. Sendo assim, estar bem com as outras disciplinas, bom comportamento em sala e notas acima da média são posturas que os estudantes devem assumir, caso queiram participar desse tipo de atividade extraclasse.

Os resultados conteudista, social, cultural e relacional dos partícipes da Banda de Fanfarra em sala de aula reafirmam o que a professora de dança e o mestre de capoeira disseram e que se reflete também na fala do maestro sobre a relevância e contribuições do ensino de Artes na escola,

Eu acho assim, quando um aluno [...] ele aprende uma arte, uma música, uma dança [...] eu acredito que ele vai dar um valor maior para o estudo. Quando ele está tocando uma música, ele está vendo os aplausos, daí ele se interessa mais pela a sala de aula e tem mais responsabilidade em estudar.

Para finalizar esse debate sobre o ensino de música na Escola Dom Moisés, faz-se necessário lembrar que a música é um componente curricular obrigatório dentro da disciplina de Arte, desde 2011, instituído pela lei nº 11.769/08. Contudo, não é suficiente a criação de uma lei que institua o ensino de música nas escolas, se essa modalidade de Arte não tiver condições reais, do ponto de vista profissional, material e pedagógico de ser implantada nas escolas brasileiras.

2.2.4 Oficina de Teatro

A história do teatro no Brasil começa com os padres jesuítas, que utilizaram essa modalidade de Arte para catequizar a população indígena (MAGALDI, 2004).

Gardner (1995) inclui o teatro nas inteligências múltiplas nomeada, por ele, de Inteligência – Linguística, relacionada, pois, com o dom da linguagem, com a capacidade de falar e de articular ideias pela fala, e facilidade de atuar com a expressão verbal.

As reflexões sobre a Arte do teatro aparecem por último neste trabalho, não por acaso, mas porque acredito que essa modalidade abrange quase todas as áreas das linguagens artísticas, visto que a música, a dança e as artes visuais estão presentes em esquetes ou peças teatrais. A pessoa que participa de atividades de teatro desenvolve a expressão corporal, a espacial – que esta relacionada à noção aguçada do espaço, o ator quando está no palco deve saber sua posição diante da plateia –, a interpessoal – facilidade de resolver problemas, o conhecimento da emoção, desenvolve o alto-conhecimento. No teatro, o ator que se encontra em ação no palco, caso lhe venha um “branco” em relação ao texto da cena, deve conhecer as artimanhas e habilidades próprias dessa Arte, para melhor se sair desse tipo de situação. Além disso, temos a inteligência lógico – matemática, verdadeiro teste de Q. I., essa corresponde a uma faculdade de resolver problemas que aparece também no teatro, pela a técnica de decorar textos. Portanto, a Arte do teatro compõe o quadro das sete inteligências múltiplas de Gardner (1995).

Quando crianças, ao brincarmos com objetos na expressão do “faz de conta” estamos ensaiando uma ação teatral, por isso, o teatro está presente em nossa vida desde cedo, apenas não nos damos conta de que essas atitudes, induzidas pelo nosso consciente estão se protagonizando em uma cena de teatro.

Na Escola Dom Moisés Coelho o teatro se faz presente há muito tempo e, neste momento, o Programa Mais Educação o traz sob a forma de projeto, com oficinas ministradas pelo Monitor JN, que demonstra conhecer os meios artísticos. JN possui várias vivências artísticas e demonstra ter habilidade para assumir essa oficina na escola.

Eu participei de 2007 a 2009 do grupo Gente Nova, fui cenógrafo da Paixão de Cristo durante quatro anos, fui diretor do espetáculo da Paixão de Cristo nos últimos dois anos (2011 e 2012). Fui diretor do espetáculo do Alto de Natal, na escola do Estado Dom Moisés Coelho nos últimos dois anos (2011 e 2012). Já participei de várias oficinas de capacitação, em questão de expressão de linguagem. Fui construtor do projeto dos desfiles de sete de setembro na escola Dom Moises Coelho nos anos de 2006 a 2010. Já Projetei vários desfiles para as cidades vizinhas como Várzea da Ema e outras cidades.

Percebi que o Monitor JN tem uma carga de experiência muito ampla no campo das Artes Cênicas, experiência essa que não para por aí, revela JN:

Além das artes plásticas que eu confecciono, eu monto, eu desenho, eu também já participei de vários espetáculos teatrais, espetáculos de dança, da companhia de arte Gente Nova. Já montei vários projetos relacionados à projeção e confecção de figurino e de adereços como um todo: esculturas, pinturas. Sempre trabalhei nesse ramo que envolve a arte. O meu forte mesmo é as artes plásticas.

No momento de observação das aulas de teatro o Monitor JN trabalhou o aspecto da dicção, colocando no quadro a seguinte frase, “Lá em cima da serra tem uma arara loura, arara loura falará? Fala arara loura”, assim os educandos iam falando a frase e encenando como se estivessem vendo a arara no auto da serra e a estivessem mostrando a uma pessoa. Os estudantes ficaram um pouco intimidados ao me verem em sala, no entanto, logo se acostumaram com a ideia. O Monitor dava as instruções e os estudantes obedeciam fazendo, na prática, a encenação. Na visão de Colares, Matos, Rabelo, Nascimento (2001, p. 55),

O professor, atento, deve pesquisar e diagnosticar o nível de desenvolvimento artístico do grupo com o qual esta trabalhando e oferecer condições para que amplie o leque de conhecimentos sobre os elementos da dramaturgia. Isso inclui o incentivo a pesquisa histórica sobre o teatro, materiais próprios para a construção de cenários e objetos de cenas, além de incentivar o estudo e a compreensão dos textos a serem encenados. Ainda mais, a criatividade deve ser estimulada para a elaboração coletiva ou individual de textos teatrais.

O mesmo autor considera ainda que o teatro pode ser utilizado em um trabalho interdisciplinar, articulando a linguagem e a produção textual no momento em que o educando, por meio dessa modalidade de arte, é levado à necessidade de adentrar a história da humanidade, o qual se enriquece pela experiência de confeccionar o cenário e objetos próprios da encenação.

Tais vivências também oportunizam ao educando uma relação com as Ciências Naturais, que podem ser articuladas com as demais linguagens artísticas, como as artes plásticas, a música, a expressão corporal e outras (COLARES, MATOS, RABELO, NASCIMENTO, 2001).

Isto posto, o processo de elaboração das oficinas de teatro, na visão do Monitor JN, é uma etapa fundante em seu ofício. Por isso, em seu método de ensino, há a articulação entre aulas teóricas e práticas.

Uma aula é teórica e a outra é prática. Dependendo do conteúdo, a gente trabalha teoria e prática na mesma aula, eu subdividi em: dicção, expressão corporal e em expressão facial, e no ultimo bimestre a gente vai trabalhar com as experiências do palco, daí eu quero tentar transmitir para eles como funciona uma coxia, uma troca de cenário. A gente vai trabalhar através de uma maquete de teatro, como funciona uma iluminação, a localização das luzes, a marcação no palco, como localizar a entrada e a saída de palco, como organizar o figurino, quando se tem mais de um personagem. Muitos fatores que eu vou tentar resumir ao máximo no último bimestre, esses elementos é a culminância do Alto de Natal, para que no final de dezembro a gente esteja com o espetáculo montado.

Nos instantes em que observei as aulas ouvi, por várias vezes, os monitores e estudantes falarem das oficinas de Artes sobre o Alto de Natal. Trata-se de uma apresentação que a escola faz ao final do ano letivo, com várias apresentações voltadas para a temática do Natal. As Oficinas do Programa Mais Educação estão focadas nesse evento como momento final desta primeira etapa, que será finalizada em novembro de 2012. Percebi que, desde já, o Alto de Natal preocupa pais, professores, monitores, enfim, todos aqueles que estão inseridos na comunidade escolar. O anseio desses envolvidos está em saber se os educandos – enquanto personagens – decoraram suas falas; se irão falar em bom e alto som, ou seja, se estão preparados para atuarem no espaço cênico da dramatização deste ato.

Apesar de todos os benefícios garantidos pelas aulas de teatro aos estudantes, o número de frequentadores das oficinas é pouco. Mas, o Monitor JN revelou que mesmo o número de estudantes sendo pouco, aqueles que fazem parte, são assíduos.

Isso pôde ser constatado com as observações das aulas, poucos são os aprendizes que frequentam as oficinas, somente 25 estudantes estão matriculados nas aulas, todavia, a evasão é muito grande. Em média, dez a quinze estudantes participam da oficina de teatro com relativa frequência. Esses que evadiram, certamente, estão tirando a vaga de muitos que gostariam de participar desse tipo de atividade.

Contudo, os poucos que participam demonstram o aprendizado trabalhado nas aulas de teatro. Sobre esse aspecto ressalta o Monitor JN:

Com certeza, principalmente o teatro, com referência na desenvoltura do aluno na apresentação de seminários, apresentação de trabalhos, comportamento de sala, concentração que a gente desenvolve muitas técnicas de concentração que, conseqüentemente, vão ser percebíveis até mesmo nas notas dos alunos, devido à concentração nas aulas nos conteúdos. A forma de decorar o texto, que no caso vai facilitar uma leitura aprimorada, facilita na percepção. Vai auxiliar na questão de

entender o texto, a compreensão na aprendizagem como um todo, na questão de ler um texto e saber do que esse texto fala, a emoção que o autor passa ao escrever aquele texto, enfim são vários fatores [...]

Os autores Colares, Matos, Rabelo e Nascimento (2001) enfatizam que a maioria dos professores sabe da importância da junção do teatro com a educação. Muitos livros didáticos, adotados pelas escolas, apresentam a relevância de se trabalhar o Teatro em eventos como comemorações festivas, gincanas, dentre outros. No período de pesquisa realizado na escola, percebi uma movimentação interior por meio da realização de um trabalho temático, que falava sobre o semiárido, para os quais os educandos apresentaram danças, teatro, comidas, músicas, artes visuais. Portanto, a escola utiliza tais eventos para acionar a criatividade dos educandos, de acordo com a habilidade de cada um.

O teatro suscita também diversas formas de apresentação artística: o teatro de fantoches, o teatro de sombras, o teatro de imagens, o teatro musical, o teatro dançante, enfim, temos muitas formas de se trabalhar com as artes cênicas. Por isso, a variedade de materiais pedagógicos enriquece a formação dos educandos nas oficinas de teatro, conforme declara o Monitor JN:

[...] utilizo a exposição através do quadro [...] também através de vídeos, e o elemento mais utilizado que é o som, porque através da música ajuda no alongamento na concentração e em vários fatores [...] e outros que a gente vai começar a trabalhar no último bimestre que é uma cortiça (rolha), para que eles prendam essas rolhas nos dentes durante toda a aula, porque ela dificulta a fala, então isso aprimora a fala para que os outros compreendam. Tem também colchonetes e outros elementos.

O Programa Mais Educação, segundo o Monitor JN, predispõe de materiais pedagógicos para o desenvolvimento das oficinas de teatro, “graças a Deus a gente tem uma pequena verba, e vai dar para adquirir com a verba que vem para o projeto. A maior dificuldade da escola não é nem questão de material, é o espaço, a gente não tem um salão, uma sala digna de suportar essas atividades”, afirma JN.

Apesar do Programa Mais Educação está sendo implantado nas escolas independentemente do espaço que dispõem, é importante considerar que diante da proposta multidisciplinar do mesmo, torna-se indispensável que as escolas sejam contempladas com ampliações e/ou reformas em suas instalações.

O espaço físico da escola não é determinante para a oferta de Educação Integral. O reconhecimento de que a escola não tem espaço físico para acolher as crianças, adolescentes e jovens nas atividades de Educação Integral não pode desmobilizar o projeto. O mapeamento de espaços, tempos e oportunidades é tarefa que deve ser feita com as famílias, os vizinhos, enfim, toda a comunidade (BRASIL, 2010, p. 18).

A proposta do Programa Mais Educação é lançada para que a Educação Integral aconteça, seja na escola, seja numa praça, num salão paroquial, num barracão, enfim, em espaços que a comunidade possa oferecer, para que as oficinas sejam realizadas.

Desse modo, considero que o sucesso do Programa Mais Educação depende do diálogo entre os Governos Federal, Municipal e Estadual articulados com a comunidade que avizinha as escolas e, assim, problemas como a falta de espaço físico para a efetivação das oficinas, poderão ser solucionados, já que as reformas e adaptações das próprias escolas, com esse fim, tornam-se ações mais complexas.

3 A ARTE COMO FACILITADORA DO ENSINO/APRENDIZAGEM ESCOLAR

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultural, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual/coletivo dos seres humanos (BARBOSA2005, p. 99).

A Arte é um caminho de muitas trilhas que possibilita aos seres humanos diversas atividades com experiências cognitivas. É uma linguagem aguçadora dos sentidos, capaz de captar significados que só ela transmite. A Arte soma-se ainda com as linguagens discursivas e científicas, respectivamente (BARBOSA, 2005).

Portanto, a sala de aula é um espaço que pode ser trabalhado pelo arte/educador nas inúmeras experiências que a Arte oferece. Na escola estudam e trabalham pessoas inventivas, capazes de atuar em um momento criativo formulando imagem, som, movimento, expressão, dentre outros fatores que só a Arte propõe. O processo criativo estimula os educandos a construir o conhecido e o desconhecido, a cultura; pode estimular também o educando a simbolizar suas ideias e por meio dela descobrir novos horizontes.

Nessa perspectiva o estimulador das práticas artísticas é o docente, pois quando o professor incentiva os/as educandos/as a fazerem uma atividade, ele está impulsionando o poder criativo daqueles. É interessante que o ambiente onde se trabalha com a Arte seja um espaço criativo, colorido, com formas, figuras e objetos chamativos. Assim, o conhecimento será criado em um espaço em que ele já existe. Ao observarmos uma sala de aula cheia de criatividade, sem dúvida, outras criatividades surgirão.

A Arte se faz presente em muitas situações de nossas vidas. Na escola, por exemplo, essa área de conhecimento está na forma arquitetônica das paredes; nas gravuras dos livros didáticos; no formato do quadro negro; nas vestes de cada estudante e se estende no horário do intervalo; nas brincadeiras que surgem em meio aos estudantes, proporcionando vida aos movimentos do corpo, a expressão e a criatividade.

Em seu contexto, a Arte contemporânea propõe aos seres humanos novos meios de comunicação que, certamente, ampliam o campo do conhecimento, envolvendo, desse modo, a cultura popular. Portanto, a Arte deixa de ser concebida

apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura (MARTINS, 2009).

Portanto, o/a professor/a enquanto mediador/a do conhecimento formal deve mostrar habilidades em seu trabalho e, no que diz respeito às Artes, poderá usufruir das criações das linguagens artísticas para lançar aos seus educandos uma reflexão do saber e do seu está-no-mundo. Assim sendo, ao trabalhar as linguagens artísticas, o ser humano articula o coração e a mente em poética intimidade, embalada pelas atividades práticas do fazer artístico (Ibid. 2009).

3.1 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS OFICINAS DE ARTE

Compreender e conhecer o fazer artístico dos educandos é mergulhar em seu mundo expressivo o qual transmite as descobertas de suas fantasias. Esse processo amplia a elaboração de sensações, sentimentos e percepções profundas de seu cotidiano escolar. Ao estudar o fazer artístico dos estudantes na Escola Dom Moisés Coelho, percebi que eles se sentem muito bem, quando estão dançando, tocando, encenando e jogando capoeira, enfim, quando fazem uso das linguagens artísticas.

Para adentrar com sensibilidade ao universo subjetivo dos educandos, visando perceber o que eles/as pensam sobre as aulas de Artes, propus um diálogo com dez estudantes do ensino fundamental. O pequeno número de alunos foi devido ao foco deste trabalho, a realização das oficinas de Artes. A conversa foi bem proveitosa com os/as estudantes. Na maioria dos casos, responderam questões voltadas ao ensino de Arte ajudando, pois, na complementação desta pesquisa.

De modo particular, fiquei surpreso com as respostas dos estudantes, pois demonstraram entender bem a importância que as Artes podem atribuir ao processo de ensino-aprendizagem escolar. A princípio, minha intenção era compreender, através desses sujeitos, aspectos voltados ao ensino da Arte, obviamente, em relação às oficinas oferecidas pelo Programa Mais Educação. A conversa com os discentes ocorreu de modo individual. Muitos apresentaram segurança ao responder às questões, outros ficaram intimidados (a)s, apesar disso a pesquisa transcorreu bem para todos os casos.

Cumprir dizer que a alusão aos educandos é feita por meio de siglas, a fim de salvaguardar a identidade dos mesmos. No que diz respeito às perguntas destinadas aos

entrevistados e suas respectivas respostas, estas serão detalhadas a partir de agora, como forma de melhor clarificar o pensamento destes sobre Artes.

Ao serem indagados sobre o entendimento que possuem sobre Artes, responderam:

‘Arte’ envolve a cultura, envolve muitas coisas, envolve o equilíbrio físico e a responsabilidade (ESTUDANTE MP DE 16 ANOS DO 7º ANO).

[...]Arte é importante, porque com Arte você pode aprender várias coisas como a dança, teatro, se divertir, fazer desenho e, assim, a gente aprende mais (ESTUDANTE RL DE 11 ANOS DO 7º ANO).

[...] Arte é um desempenho na nossa vida, porque além de ser um ótimo aprendizado, a arte é um elemento importante, porque sem a arte não existia quase nada, as roupas precisam da arte, assim como desenhar quadros, dentre outras coisas (ESTUDANTE MF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

Arte é desenho. Mas, também aprendemos sobre as coisas de Arte como: pintar, desenhar, escrever, que também é arte, a música é arte (ESTUDANTE MR DE 15 ANOS DO 7º ANO).

Arte é uma matéria que se baseia na criatividade de desenho e para fazer as coisas na base certa (ESTUDANTE LM DE 12 ANOS DO 7º ANO).

O entendimento dos estudantes sobre Artes pontua aspectos relevantes que essa área de conhecimento consegue promover de modo irrestrito às pessoas. Assim, em conformidade com que pensam esses estudantes, os estudiosos que escrevem sobre Arte não firmam um conceito daquilo que seja essa área do conhecimento devido suas múltiplas significações, que são captadas pelos educandos naquilo que têm mais habilidade.

A esse respeito, o autor Joost Smiers (2006, p. 17), enfatiza:

Somos tentados a nos alegrar com a noção de que as artes nos proporcionam os melhores momentos de nossas vidas. Momentos harmoniosos, prazerosos, divertidos ou que nos oferecem instantes únicos de reflexão.

Todos nós guardamos os momentos artísticos em nossas mentes como os melhores que já aconteceram em nossas vidas, quem não se lembra das danças e teatrinhos que fizemos na infância dentro da escola? Quem não se lembra da primeira

escultura que fez com argila ou massa de modelar e /ou dos desenhos que fez em seus cadernos? Quero dizer que desde a infância começamos a nos educar através das Artes em diversos lugares sociais como na creche, no pré-escolar, em casa, nas brincadeiras com os amigos e em todos os movimentos que o meio social nos propõe.

Por isso, a Arte nos proporciona ricos aprendizados, conforme expressaram os educandos.

Arte pra mim é assim, a escola pra mim é uma arte que a gente desenvolve a leitura e aprende Arte, no Mais Educação, como: gestos, músicas, dança e teatro (O ESTUDANTE RS DE 18 ANOS DO ENSINO MÉDIO QUE FAZ PARTE DA BANDA DE FANFARRA).

Arte é muito bom [...] que a pessoa aprende mais as coisas assim como, cores e desenhos (ESTUDANTE BF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

No entanto, não basta apenas saber o que os estudantes pensam ou conhecem sobre a Arte, mas também, quem ensina a Arte, i. é, se um/uma professor/a que saiba atuar em sala de aula como mediador desse importantíssimo conhecimento ou se um profissional sem formação adequada na área.

Face ao exposto, o que mais chama atenção no Programa Mais Educação é que para cada linguagem da Arte – dança, teatro, música ou capoeira – existe um Monitor (a) para exercer apenas sua habilidade. O monitor de dança ensina apenas dança, enfim, todos os monitores centram-se na área que dominam, enquanto ofício. Dessa forma, o trabalho é desenvolvido em sala de aula com mais dedicação e qualidade. Sobre isso, Pereira (2010, p. 23) nos fala que:

Os caminhos percorridos na sala de aula são deflagrados pelas propostas do professor e desenvolvidos como maneira de estabelecer correspondências entre discursos: da arte, da escola, do grupo. A criação artística na sala de aula é momento de reorganização do pensamento e de ampliação das possibilidades de ler e tornar-se sujeito no mundo contemporâneo, saindo do lugar comum e deixando-se levar pela poesia. Esse mesmo sujeito, quando cria um percurso poético, deixa seus rastros de pertencimento no espaço da sala de aula. Torna-se parte do grupo e deixa sua marca transformadora.

Compartilho da ideia do autor sobredito, pois o professor deve ser o principal mediador dos discursos em sala de aula, mobilizando os/as educandos/as a se tornarem sujeitos críticos/pensantes do mundo contemporâneo.

Nesta perspectiva, o educando é o principal alvo do professor, transformando-se em sujeito do aprendizado, da metodologia ofertada pelo docente. Por isso, a ação formativa do/a professor/a para lograr êxito na escola, precisa favorecer o envolvimento e o aprendizado integral dos educandos. A esse respeito, falou MP:

[...] O professor de teatro trabalha com palavras de dicção, com parábolas, e a professora de dança trabalha com os movimentos corporais, alguns passos de balé clássico. Gosto muito das aulas, porque desperta uma sensação muito gostosa, criativa [...] é muito bom.

A fala dessa estudante só valida o que já foi colocado nesta e em outras etapas deste trabalho, vemos o quão relevante é a relação professor/educando, enquanto estímulo para o aprendizado estudantil nas oficinas de Artes do Programa Mais Educação, principalmente, porque os aprendizados artísticos dos/as discentes podem ser reaplicados aos seus pares como exercício de transmissão do conhecimento que já adquiriram nas oficinas, como enfatizou a estudante RL, “A professora de dança ensinou uma dança para a gente ensinar ao segundo ano, era uma dança com a música ‘Maria tá peneirando’ daí foi bem legal”.

A coreografia anunciada pela discente foi apresentada à comunidade escolar Dom Moisés, num movimento organizado pela escola, a fim de promover a valorização da cultura do semiárido neste educandário. A festa foi enriquecida com uma mesa de exposição, com comidas típicas do semiárido, apresentações de músicas nordestinas pela Banda de Fanfarra (Fig. 1), apresentação de teatro (encenando um julgamento de um senhor de terra que desmatava as margens de um rio); a apresentação foi protagonizada por estudantes e professores; na oportunidade, a coreografia da música “Maria tá Peneirando”, da banda Mastruz com Leite, coreografada pelas estudantes do Programa Mais Educação, foi apresentada à comunidade escolar (Fig. 2).



Fig. 1



Fig. 2

A Escola Dom Moisés Coelho sempre promove movimentações sociais dentro da escola, sendo estas uma forma de chamar a atenção dos estudantes. Muito aprendi com os professores da escola como, por exemplo, a organizar um momento artístico, observando como se articulam. Com os/as educandos/as aprendi ainda mais, primeiro por serem sujeitos sociáveis, segundo, e ao mesmo tempo, por serem difíceis de se lidar. Compreendi que, em alguns momentos, devemos deixá-los à vontade, claro que obedecendo às regras, direitos e deveres, aspectos esses relevantes à existência de uma convivência saudável entre as pessoas.

Não tenho dúvidas de que dessa maneira docentes e discentes aprendem a acatar novas ideias, dando oportunidades e, assim, ambos poderem, juntos, direcionarem seus olhares as novas possibilidades educativas. A autora Célia Linhares (2003, p. 111), em debate com as teorias do saber com Paulo Freire e Piaget, enfatiza que “conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal”.

Não só concordo com o pensamento dos estudiosos, Freire e Piaget, como aprendi que saber é criar vínculos que podem ser articulados entre professor e educando, e educandos com educandos. Essa via de mão dupla, enriquecida com as singularidades do cotidiano docente e discente, podem formar novas ideias de como conhecer e saber mais, para ambos.

As Artes, nesse contexto, propiciam o entrelace daquilo que foi acumulado como experiência por professores, estudantes e o conhecimento escolar, pois ou arte/educador, ou os Monitores do Programa Mais Educação devem usar estratégias de interdisciplinaridade com conteúdos da sala de aula, como fazem os próprios monitores das oficinas artísticas, mencionados pelos estudantes.

[...] Nas aulas de português a gente estuda letras de músicas. E no teatro, os textos que nós estudamos têm tudo haver com português (ESTUDANTE MF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

[...] através da arte e com desenho, a gente pode usar a criatividade, em português com produção textual, na história a gente pode conhecer através de imagem e também pode ver o mapa em geografia, ele vai indicar muitas coisas pra gente (ESTUDANTE LM DE 12 ANOS DO 7º ANO).

Estudamos paisagem em geografia, na historia, na antiga pré-história que era desenvolvida as pinturas nas pedras. E em português eu entendo as poesias, textos de teatros e de filmes (ESTUDANTE RS DE 18 ANOS ENSINO MÉDIO).

Em historia a gente estuda como os humanos desenhavam nas pedras, e em português é os contos, letras de músicas (ESTUDANTE GD DE 15 ANOS DO 8º ano).

Sim, eu vejo a arte dentro da geografia através dos mapas, em português nos textos ilustrados, nos textos de teatro. Em história vejo nos desenhos da antiguidade (ESTUDANTE BF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

Mas, nem sempre, o trabalho integrado entre a escola e o Programa Mais Educação é possível, como revela a fala da Estudante MP: “É muito diferente, porque eles trabalham lá na sala mais gráficos e aqui é mais dança e teatro. A professora de sala de aula não tem trabalhos práticos, só teóricos”.

O depoimento, acima, dá visibilidade para a ainda complexa relação existente entre teoria e prática do cotidiano escolar. Percebo que no Programa Mais Educação na Escola Dom Moisés isso também acontece, mesmo que alguns depoimentos discentes, vistos anteriormente, atestarem que não. Destarte, considero relevante refletirmos sobre a percepção da discente MP.

Em minha opinião, seria mais atraente e instrutivo para os estudantes, se o/a professor/a de matemática ao ensinar geometria fizesse, por exemplo, o uso do teatro, através das medidas do palco, altura, largura, já que os educandos se queixam que em sala de aula a/o professora/o prioriza a abordagem teórica em detrimento da prática. Com isso, é notório que a cada dia os estudantes cobram dos professores uma aula diferente, atraente e significativa, conforme vemos nos depoimentos dos discentes, abaixo relacionados.

Nas oficinas de dança a gente não fica na sala de aula, fica mais no pátio fazendo as especialidades da dança, e a professora de arte na sala de aula trabalha com desenho e pinta e, às vezes, ela trabalha com as campanhas, e ela explica como a gente deve escrever. Hoje mesmo, ela apresentou um trabalho sobre o mosquito da dengue (ESTUDANTE IA DE 12 ANOS DO 6º ANO).

Na sala o professor passa vários trabalhos de cores, como cores primárias, secundárias, ele faz vários trabalhos, ele explica os desenhos (ESTUDANTE BF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

Ensino de arte é muito bom, na sala de aula e na música também. E nas aulas você também pode levar ideias novas para a professora (ESTUDANTE MR DE 15 ANOS DO 7º ANO)

Existem várias formas de se elaborar uma aula de Arte produtiva, que desperte a atenção dos educandos, caso o docente se determine a essa tarefa. Sei também que é um desafio para o docente ensinar Arte, porém não se faz Artes sem desafios. E, vale ressaltar, que essa tarefa torna-se ainda maior, quando o educador não tem uma formação na área. Com uma formação adequada o professor estaria mais bem instruído, em termos de conteúdo, de definição metodológica e de recursos que façam com que sua ação formadora seja mais eficiente e criativa.

Os/as monitores das oficinas de Artes procuram fazer uso de várias estratégias metodológicas em suas aulas, as quais considero serem importantes ao processo de ensino/aprendizagem do discente.

Geralmente eles trabalham com mais atividades artísticas, eles utilizam som, dinâmicas e jornais (ESTUDANTE MF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

As atividades são práticas, na dança ela usa a música, CDs, som e no teatro o monitor pede para a gente fazer muito silêncio, ele traz jornais para fazer dinâmicas (ESTUDANTE RL DE 11 ANOS DO 7º ANO).

O monitor de música ensina a prática, ele vai batendo lá e a gente vai pegando o ritmo e pelas partituras também (ESTUDANTE MR DE 15 ANOS DO 7º ANO).

É importante que o estudante conheça as linguagens artísticas e o material a ser trabalhado em Artes, assim, ele começa a produzir e a desenvolver seu processo criativo, colocando em prática as experiências vividas no seu dia a dia. Dessa forma, o educando vai aprimorando suas habilidades ao entrar em contato com o material artístico, fazendo experiências, explorando-os e, assim, ir se aprofundando na linguagem artística que mais se identifica.

Chamo a atenção para a importância do incentivo às oficinas de Artes e para a utilização do material pedagógico referente a cada área específica. Tais materiais contribuem para a caracterização da Arte como disciplina curricular que requer seus próprios meios de ensino, para que não voltemos ao passado em que a Arte era vista na escola apenas como um momento de brincadeira e que, por ser considerada brincadeira,

não precisava de um profissional formado e/ou habilitado na área, nem tampouco de recursos didático/pedagógicos específicos.

Ainda sobre esse aspecto devemos considerar que os docentes influenciam os discentes quanto a empatia, ou não, que poderão ter sobre as modalidades de Artes e sobre a percepção destes acerca da importância dessa área de conhecimento para suas vidas.

Caso as escolhas docentes, em termos de conteúdo, recursos didático/pedagógicos e inspiração metodológica, evidenciem o juízo de valor que o docente construiu sobre seu “fazer pedagógico”, seja negativo, seja positivo, isso irá refletir ao pensamento discente, como podemos observar a seguir:

[...] a arte é um elemento muito importante. Eu acho assim [...] a arte é um desempenho que a gente tem muito grande na vida, porque é com a arte que a gente sabe da cultura da Paraíba e do Brasil inteiro. Porque existem cultura que muitos não conhecem. Se não existisse a arte a gente não ia saber como existia o mapa, porque a gente sabe que aquilo foi criado por um artista, porque tudo que se faz tem um artista (ESTUDANTE MF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

[...] eu gosto de me expressar mais com as pessoas, conversar mais e conhecer mais as pessoas (ESTUDANTE MP DE 16 ANOS DO 7º ANO).

[...] a música a gente pode levar para o nosso futuro e pode se formar em música e pode até ser maestro futuramente (ESTUDANTE MF DE 12 ANOS DO 7º ANO).

Muitos dos educandos veem as atividades artísticas como uma forma de trabalho e de ganhar dinheiro. Vejamos a seguir o que Zagonel diz a esse respeito, com base no pensamento de Ana Mae Barbosa.

A arte não se faz de forma isolada, ela esta diretamente ligada ao contexto em que é produzida. Costuma-se dizer que a arte é um espelho da sociedade. Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que opera na sociedade. Ideias, emoções e linguagens diferem de tempo em tempo e de lugar para lugar e não existe visão desenfluenciada e isolada. (ZAGONEL apud BARBOSA, 2008, p. 37).

Em síntese, as palavras ditas pela autora já foram explicitadas na fala dos educandos pesquisados, quando estes dizem que a Arte está presente em nosso

cotidiano, em nossas ideias, em cada tempo e lugar que ocupamos. Por isso, Arte, também, é profissão e meio para uma pessoa prosperar na vida economicamente.

Acredito que a instalação do Programa Mais Educação na Escola Dom Moisés poderá estimular os educandos a seguirem carreira artístico/profissional em algumas das áreas ofertadas pelas oficinas e, quiçá, futuramente, a sociedade de Cajazeiras verá os frutos dessa experiência maduros e, conseqüentemente, colhê-los em termos de capital artístico/cultural local.

Posteriormente serão apresentados os dados da última parte da pesquisa realizada com os professores das turmas regulares da Escola Dom Moisés.

3.2 A VISÃO DOS/AS PROFESSORES/AS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS/AS EDUCANDOS/AS NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Para o fechamento das análises empreendidas por essa pesquisa, considerei indispensável dialogar com os professores da Escola Dom Moisés Coelho, a fim de saber a visão deles e delas sobre a Implantação do Programa Mais Educação na escola, além de seus reflexos em relação ao desempenho dos estudantes em sala de aula. A entrevista se deu apenas com quatro docentes. Os/as escolhidos/as foram aqueles que têm, em sala de aula, estudantes que participam do Programa Mais Educação. Cada professor respondeu a quatro perguntas.

Primeiramente, será exposta a opinião docente sobre o comportamento dos estudantes em sala de aula após o ingresso dos mesmos ao Programa.

Bom, na maioria dos casos, eles sempre fazem as atividades. Os alunos que participam do projeto se dedicam, tem aquela hiperatividade como todos os problemas que tem em sala de aula, mas, tirando isso, eles são bem, mais sempre tem os mais difíceis (PROFESSORA DO 6º ANO G.P FORMADA EM LETRAS).

Eles têm um bom comportamento, apesar de que em alguma circunstância eles queiram se desviar da aula. Eles ficam sem querer fazer as atividades, mais daí eu chamo a atenção deles e tudo decorre bem (O PROFESSOR DO 7º ANO J.S QUE CURSA CIÊNCIAS).

Olha, em nada mudou desde o inicio do ano. Em minha sala tem duas alunas que são desinteressadas, uma delas gosta muito de passear, é obrigado a gente estar chamando atenção dela. Ela fica querendo sair de vez em quando. E em termo de aprendizagem não mudou muita coisa não. Elas veem pela manhã para as oficinas e não trazem o material da aula, os livros. Elas ficam aqui, trazem toalhas, escovas

mais não trazem o material escolar. Eu já chamei a atenção da coordenação do Programa sobre as duas. Eu não sei qual é a oficina que elas fazem no Programa Mais Educação, a gente não tem contato com essa parte não (PROESSORA DO 5º ANO F.S FORMADA EM PEDAGOGIA).

Até agora eu não vi muito reflexo não do Programa Mais Educação para a sala de aula. O bom é que a gente soubesse o que, de fato, os alunos estivessem fazendo no Programa, porque assim a gente ia cobrar mais deles, para que eles pudessem influenciar dentro da sala de aula de alguma forma. Assim, na minha sala, parece que pegaram os alunos mais difíceis de trabalhar, só que com o Mais Educação está certo, deve dar mais educação mesmo. Mas, muitos deles só ficam porque querem ficar na escola para almoçar e se divertir (PROFESSORA DO 6º ANO F.A FORMADA EM HISTÓRIA).

Fazendo uma análise das falas de cada um/uma dos/das professores/as, nas respostas entrecruzadas, vemos que convergem em alguns pontos, seja ao dizerem que os educandos se saem bem, seja para caracterizar as imperatividades de alguns. Vale ressaltar, que um dos objetivos do Programa Mais Educação é, incentivar aos estudantes desmotivados a participarem das oficinas, para que, assim, surjam inovações que lhes chamem a atenção e os direcionem a aprender também na sala de aula.

Um dos problemas percebidos na Escola Dom Moises Coelho e no Programa Mais Educação, e que foi dito pela professora F.S, é que os professores não estão informados sobre quais oficinas os/as educandos/as participam. Seria interessante se os docentes fossem informados a esse respeito, assim, poderia haver entre as aulas e as oficinas uma ligação na construção de conhecimentos.

Na minha visão, esse é um problema que deve ser avaliado e superado entre os membros da Escola Dom Moises Coelho e a coordenação do Programa Mais Educação, levando em consideração que o conteúdo trabalhado, nas oficinas de Artes pelos monitores – segundo as vozes dos professores – são desarticulados dos conteúdos que os professores trabalham em sala de aula.

Sendo assim, faço o constato de que a dicotomia entre teoria e prática é mantida entre a instituição Dom Moisés e o Programa Mais Educação, pois o que se percebe é que a Escola trabalha a teoria e o Programa, a prática. Isso faz com que os objetivos do Programa Mais Educação se contradigam, já que tem como objetivos, sobretudo, integrar-se à realidade escolar e ajudar no processo de ensino aprendizagem estudantil.

Porém, também falta a curiosidade, por parte dos professores que não conhecem o Programa, os quais poderiam ser mais curiosos sobre as atividades de seus alunos, bem como ressalta Freire (1996, p. 85) “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

O Programa Mais Educação, quando inserido na escola, gerou uma agitação intensa por ter de funcionar em tempo integral. Portanto, é fundamental que escola, comunidade, pais e responsáveis dialoguem, permanentemente, para o bom andamento desse projeto.

A segunda pergunta direcionada aos professores surgiu com o objetivo de saber se a participação discente, nas oficinas do Programa Mais Educação, estava contribuindo para o aprendizado dos alunos em sala de aula. Vejamos o que reflete a visão da professora G.P:

Eu acredito que as oficinas sejam um complemento daquilo que os alunos vêm em sala de aula, o que eles vêm em sala de aula, eles recordam no Programa Mais Educação. Não que o Mais Educação seja uma aula de reforço, mais eles trabalham no projeto de atividades que podem desenvolver o ato intelectual dos alunos e, dessa forma, faz com que os alunos se desenvolvam melhor em sala de aula.

A fala da Professora G.P aponta um dos objetivos relevantes do Programa Mais Educação, mas apesar dessa profissional ter feito menção a esse objetivo, o mesmo ainda não foi concretizado em todas as disciplinas que compõem o currículo regular da Escola Dom Moisés. Conforme menciona o Professor J.S,

Na relação de algumas atividades, às vezes, eles fazem alguma relação no que eles estão trabalhando ou produzindo no Programa Mais Educação e trazem exemplos para a sala de aula. Em matemática nem tanto, mas, no que diz respeito a temas transversais, eles sempre colocam situações vividas nas oficinas.

Os professores deixam evidente que não existe um planejamento coletivo entre os professores, gestores, técnicos pedagógicos da escola e o Programa Mais Educação. Ambos agem no mesmo espaço físico para a formação desses jovens, no entanto, não dialogam sobre seus afazeres profissionais, a fim de interligar suas práticas.

Por isso, a fala da professora F.S revela uma falha percebida na comunicação interna entre professores e monitores do Programa Mais Educação, para que o trabalho interdisciplinar, de fato, aconteça na escola Dom Moisés.

Eu não sei qual é a oficina que elas fazem no programa mais educação, a gente não tem contato com essa parte não.

No meu ponto de vista, pelo que disseram os professores em seus depoimentos acima expostos, vejo que o Programa Mais Educação, na Escola Dom Moisés Coelho, apresenta alguns aspectos positivos, mas precisa ser reavaliado e reelaborado para cumprir, com eficácia, o propósito para o qual foi criado que é: demonstrar se é ou não possível implementar uma Educação de Qualidade em Tempo Integral no Brasil.

Portanto, para que essa integralidade educacional aconteça, é necessário que a escola trabalhe em conjunto sobre a organização e a gestão do Programa Mais Educação em todos os seus aspectos e não apenas na parte burocrática, mas também em todos os processos, desde a escolha das oficinas a serem ofertadas pelo Programa, até a reelaboração do currículo escolar. Faz-se necessário a presença de todos os atores envolvidos na escola, nesta fase, para que juntos possam conhecer o trabalho que a escola realiza.

A escola deve trabalhar por uma ação conjunta, como enfatiza o autor José Carlos Libâneo (2004, p. 137).

A educação escolar tem a tarefa de promover a apropriação de saberes, procedimentos, atitudes e valores por parte dos alunos, pela ação mediadora dos professores e pela organização e gestão da escola. A principal função social e pedagógica da escola é de assegurar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, operativas, sociais e morais pelo seu empenho na dinamização do currículo, no desenvolvimento do processo do pensar, na formação da cidadania participativa e na formação ética. [...] Adotando formas alternativas, criativas, de modo que aos objetivos sociais e políticos da escola correspondam estratégias adequadas e eficazes de organização e gestão.

O autor atenta para a participação, seja do profissional da educação, seja de todos os seus usuários na gestão de uma escola. Esse foi o principal encaminhamento que faltou em relação às coordenações do Programa Mais Educação e da Escola Dom Moisés Coelho, o que podemos chamar de falta de ação didático-pedagógica conjunta.

Por fim, apresento-lhes as respostas dos docentes com base na quarta e última pergunta realizada. O meu interesse estava em saber a opinião desses profissionais sobre a execução do Programa Mais Educação na escola.

No meu ponto de vista, o Programa está sendo executado da forma que é pra ser, positiva. O que deixa a desejar não cabe à coordenação do projeto e sim a parte estrutural da escola, porque a escola não tem espaço suficiente para as crianças trabalharem de forma adequada. Mais, o que cabe na responsabilidade das pessoas que estão dentro do projeto, elas fazem de tudo para fazerem o trabalho delas (PROFESSORA DO 6º ANO G.P FORMADA EM LETRAS).

Eu acho que está sendo muito produtivo, principalmente porque têm alunos de períodos contrários, eles fazem as atividades em sala porque pela manhã estão no Programa Mais Educação. Muitos fazem as atividades no intervalo, eles se dedicam em fazer as atividades. Portanto, eu aprovo o Programa Mais Educação (O PROFESSOR DO 7º ANO J.S QUE CURSA CIÊNCIAS).

Na verdade eu não sei qual é a temática do projeto Mais Educação. As oficinas podem até surtir uma reflexão. Só como o programa é novo ainda, não está surtindo o efeito esperado. Certo que o projeto é novo mais a partir de agora eu vou observar mais para ver se futuramente terá mais educação de fato (PROFESSORA DO 6º ANO F.A FORMADA EM HISTÓRIA)

Observei, por essas respostas, que a maioria dos professores tem uma visão futura do sucesso do Programa Mais Educação. No entanto, ele acontece agora e para uma projeção futura é preciso que os professores contribuam com essa construção. Esse projeto tem tudo para desenvolver na escola atividades promissoras do saber. Mas, como já venho discutindo, só haverá tal desenvolvimento, se a Escola e o Programa mantiverem uma relação em conjunto e fomentem o aprendizado integral dos/as educandos/as.

Não se pode dizer que a realização do Programa Mais Educação, na Escola Dom Moisés Coelho, não esteja causando influência quanto às possíveis mudanças de comportamento e desenvolvimento do aprendizado dos estudantes, já que a opinião docente difere bastante sobre o assunto, conforme apresentado anteriormente.

É preciso que tenhamos cautela, também a esse respeito, pois a conversa se deu apenas com quatro professores da escola, sendo que a mesma comporta mais 15 profissionais. Portanto, o número pesquisado corresponde a um índice estatístico muito baixo, para que por ele possamos deduzir ou afirmar categoricamente que este programa seja ou não eficiente, além do que fora implantado na escola há menos de um ano.

Finalmente, essa primeira parte se dá por encerrada. Cumpre dizer que estou motivado a seguir com esse tipo de pesquisa. Acredito que essa temática tem uma grande importância para o futuro educacional de nosso país. A pesquisa aqui empreendida na efetivação desse trabalho pautou-se em apenas uma escola, contudo, o Programa Mais Educação é uma ação do Governo Federal, que visa implantar uma educação a se realizar em tempo integral, por todas as escolas brasileiras. Anseio que essa experiência pontual contribua para uma avaliação geral deste programa pelo MEC.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, gostaria de salientar o quanto esse trabalho foi enriquecedor e desafiador para minha formação acadêmica. Ao chegar a sua conclusão, percebo que apenas iniciei uma discussão que se fará presente na educação brasileira, sobre o ensino de Arte. Vale salientar que as questões apresentadas nesta pesquisa estão longe do fim, haja vista o Programa Mais Educação encontrar-se em fase de teste em todo Brasil.

O Programa Mais Educação teve início no ano de 2008 com o objetivo de melhorar o Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro. Nesse ínterim, o ensino de Arte é bastante valorizado, por ser considerado um propulsor do desenvolvimento integral dos/as educandos/as, tanto pela função social e artística, quanto pela valorização cultural, estética e criativa que essa área do conhecimento oportuniza aos estudantes.

Face ao exposto, a investigação deste trabalho se deu no macrocampo da Arte e da Cultura, conseqüentemente, subdividido em oficinas de dança, capoeira, música e teatro. A pesquisa teve como público alvo os educandos matriculados no Ensino Fundamental e partícipes espontâneos do Programa Mais Educação em contra turno escolar.

Embora a proposta do Programa seja enriquecedora e abrangente para a educação, faz-se necessário alguns ajustes para que a sua realização seja plena. Isso devido a alguns dos problemas revelados pela pesquisa tratar-se do fato de o projeto, proposto pelo Governo Federal, no âmbito da educação, estar sendo desenvolvido sem reforma e/ou ampliação do espaço físico da escola, bem como sem a oportunidade de capacitação e/ou formação continuada propostas aos monitores que atuam nas oficinas de Artes e demais áreas que integram as ações do projeto na escola pesquisada.

Além desses fatores, falhas foram detectadas no que se refere ao estabelecimento da comunicação entre os sujeitos da escola e do programa. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que uma comunicação, verdadeiramente efetiva, entre professores/as, em sala de aula, e monitores/as, nas oficinas, pode proporcionar grandes benefícios ao sistema educacional vigente. Isso porque a aquisição de conhecimento poderia ser ampliada pelos discentes e promover um trabalho realizado de modo interdisciplinar na escola.

Assim, o Programa Mais Educação pode contribuir para a diminuição das desigualdades educacionais vigentes e ainda para a melhoria dos baixos índices,

visualizados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB e apresentados atualmente pelas escolas que estão localizadas na zona rural, periferias e sertão. Mas, para que isso seja possível, é necessário que tais ambientes sejam aparelhados e o programa seja adequado e esteja de acordo com as necessidades e com a realidade sócio/cultural das escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27.839.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Mais Educação: passo a passo**. Brasília: PDE. 2010.

BRASIL. **Lei n. 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade de Música na educação básica. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, p. 1, 19 de agosto de 2008, seção I.

BAJARD, Élie. **Caminhos da Escrita: espaço de aprendizagem, Inserção dentro de um projeto** 2. ed. São Pulo: Cortez. 2002.

BARBOSA, Ana Mae (org). **A compreensão e o prazer da Arte**. São Paulo: SESC. 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte e educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Texto publicado em: Revista Digital Art& - Número 0 - Outubro de 2003 - <http://www.revista.art.br/>

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: 6. ed. Cortez, 2003.

COLARES, Edite; MATOS, Elvis de Azevedo; RABELO, Jakline; NASCIMENTO, Valcidéia do. **Ensino de Arte Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical. 2001.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COSTA, Maria de Fátima Barroso da. COSTA, Marcos Antonio F. da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes. 2011.

FERRAZ, Maria Heloísa Correia de Toletto; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino da Arte fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, Maria Heloísa Correia de Toletto; SIQUEIRA, Idméa Semehini. **Arte-Educação vivência, experiência ou livro didático?** São Paulo: Loyla, 1987.

FERREIRA, Martins. **Como usar a musica em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010.

FILHO, Duílio Battistoni. **Pequena História das artes no Brasil**. Capinas – SP: 2. ed. Editora Átomo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Tradução de VERONESE, Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiana: Editora Alternativa. 2004.

LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria de Nazaret (orgs.). **Compartilhando o Mundo com Paulo Freire: Uma escola acolhedora, uma educação inclusiva**. São Paulo: Cortez. 2003.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Global. 2004.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte, a língua do mundo**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2010.

SMIERS, Joost. **Arte sob Pressão: Promovendo a diversidade cultural na era da globalização**. São Paulo: Escrituras Editora. 2006.

SNYDERS, Georges. **A alegria na Escola**. Tradução de GUZOVITZ, Brtha Halpern e CAPONERO, Maria Cristina. São Paulo: Manole, 1988.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Ibplex, 2008.

SITES CONSULTADOS

Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16689&Itemid=1115 Acessado em 16 do 04 de 2012 as 15:44 horas.

Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/introducao-musica-escola-433170.shtml> Acessado em 22 do 04 de 2012 as 17:18 horas.

Disponível em <http://texasituras.files.wordpress.com/2010/04/anamae.pdf> Acessado em 02 do 05 de 2012 as 16:15 horas.

Disponível em [http://www.capoeirapedagogica.com.br/index.asp? a =projeto&c = projeto_capoeiranaescola](http://www.capoeirapedagogica.com.br/index.asp?a=projeto&c=projeto_capoeiranaescola) Acessado em 20 do 04 de 2012 as 16:25 horas.

Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/disciplina-o-que-e-como-ensinar-e-avaliar.php> Acessado em 16 do 10 de 2011.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/semana-de-arte-moderna/> Acessado em 26 do 10 de 2012. Texto de SANTANA, Ana Lucia Santana.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. INFORMAÇÕES A (O) PARTICIPANTE

- 1.1.** Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.
- 1.2.** Atendendo à referida Resolução, este Termo contém informações acerca do projeto de pesquisa e seu responsável abaixo mencionado. De pleno direito, o(a) participante deverá tomar conhecimento do teor do projeto para que possa, de modo esclarecido e livre de quaisquer imposições, decidir por sua inclusão, através de sua assinatura ao final do termo, ficando de posse de uma de suas vias, e a outra, de posse do pesquisador.
- 1.3.** Quando se tratar de participante que seja impossibilitado de assinar, no caso de não-alfabetizado, cabe ao pesquisador, na presença de testemunha, fazer a leitura do termo, de forma clara e pausada, repetindo-a, se necessário for, respeitando a condição social, econômica, cultural e intelectual do participante, que, neste caso, deixará sua impressão datiloscópica (marca de seu polegar) na parte final do termo, além de recolher a assinatura da testemunha.
- 1.4.** O participante legalmente incapaz, deve ser representado por seu respectivo responsável, e, no caso de sua ausência, por um representante legalmente constituído pelo Estado, e que possa defender seus direitos, assinando o termo.

2. IDENTIFICAÇÃO

2.1 Título Do Projeto De Pesquisa: O Ensino de Artes Como Experiência no Programa Mais Educação: Estudo de Caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho

2.2 Nome do pesquisador Responsável: Euclides Ferreira Barros

2.3 Instituição proponente: Universidade Federal de Campina Grande-UFCG / Centro de Formação de Professores-CFP / Unidade Acadêmica de Educação-UAE – Campus de Cajazeiras/PB, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Casas Populares, telefone: (83) Cajazeiras/PB.

2.5 Finalidade: Trata-se de um projeto de pesquisa que intenciona coletar dados para análise na finalidade da construção de minha monografia.

3. INFORMAÇÕES ACERCA DO PROJETO DE PESQUISA:

3.1 Justificativa: A Arte é um instrumento essencial na educação, através dela o educando tem a possibilidade de desenvolver habilidades contempladas pelas linguagens artísticas, por exemplo: dança, teatro, artes visuais e música que são ações contribuintes no processo do aprendizado das crianças, dos adolescentes, dos jovens e adultos. É nessa perspectiva que pretendo desenvolver este projeto, atuando na prática das atividades artísticas extraclasse e observando como a Arte está sendo ministrada pelos professores e monitores do Programa Mais Educação. Tomando por lócus e objeto de estudo a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moises Coelho residente no município de Cajazeiras – PB.

Esse trabalho tem como principal objetivo analisar como o ensino da arte vem sendo desenvolvido na Escola Dom Moises Coelho levando em conta o aprendizado dos alunos nas demais disciplinas curriculares da escola. Pretendemos levar em consideração outras questões como: O professor que ministra a disciplina de Arte tem conhecimento (sobre as) das linguagens artísticas? Tem formação específica ou habilidade em Arte para lecionar a disciplina? O programa Mais Educação como atividade extraclasse dá suporte de materiais pedagógicos para as atividades artísticas?

Segundo os/as autores e autoras (citar quais são) A arte pode ajudar a criança no desenvolvimento cognitivo, quando é transmitida por alguém que entende o potencial que existe no campo artístico e sabe utilizá-la de forma reflexiva envolvendo as demais disciplinas que compõem o currículo escolar. Para Ferraz (2009, p. 19) “A escola, espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais culturais” [...]. Existem diversas formas de trabalhar a arte para ajudar a criança que está em idade escolar cursando o ensino fundamental. Pois, é nesse momento que a escola deve mostrar sua potencialidade criativa para que assim desperte na criança o interesse de aprender e que este seja satisfatório.

Em 1996, a Lei nº. 9394/96 (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º) estabeleceu que o ensino da Arte constituiu-se “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Mesmo com o avanço dessa lei as escolas atuais enfrentam grandes desafios para manter o ensino da Arte como realmente deve ser. Muitas escolas burlam a dinâmica estrutural do currículo enviando a metodologia que deve ser aplicada no ensino de arte.

3.2 Objetivos:

3.2.1 Objetivo Geral:

- ✓ Analisar como as atividades de Artes estão sendo trabalhadas dentro do Programa Mais Educação na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moises Coelho da cidade de Cajazeiras – PB.

3.2.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Investigar se o professor que ministra a disciplina de Artes tem alguma espécie de formação na área;
- ✓ Observar se o programa Mais Educação, como atividade extraclasse, dá suporte de materiais pedagógicos para o desenvolvimento das atividades artísticas promovidas por seus facilitadores;
- ✓ Verificar se e como o aprendizado em artes ajuda os educandos no processo ensino/aprendizagem escolar;
- ✓ Identificar quais fatores estimulam a participação dos educandos nas atividades propostas pelo Programa Mais Educação;
- ✓ Perceber como se estabelece a relação entre a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moises Coelho e a coordenação do Programa Mais Educação.

3.3 Procedimentos: o planejamento da pesquisa constitui-se da: (especificar aqui o Cronograma de Pesquisa)

ATIVIDADES/PERÍODOS		2011					2012					
		ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun
01	Levantamento de literatura											
02	Montagem do Projeto											
03	Entrega da Primeira Parte do Projeto											
04	Entrega do Projeto Completo para análise											
05	Coleta dos Dados da Pesquisa											
06	Entrega do Projeto Completo Corrigido											

07	Elaboração da Monografia											
08	Revisão do Texto											
09	Entrega da Monografia											

3.4 Benefícios esperados: objetiva-se, que melhore a prática de ensino e aprendizagem dos discentes, especificar as atividades que o Programa Mais Educação oferece nas linguagens artísticas, proporcionando-os uma aprendizagem mais significativa no campo das Artes, e que contribua na formação de um sujeito crítico e consciente.

4. GARANTIAS A(O) PARTICIPANTE DE PESQUISA

4.1 Garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e procedimentos da mesma.

4.2 Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo *ao seu cuidado ou assistência* (caso o voluntário esteja recebendo cuidado ou assistência no âmbito da instituição onde está sendo realizada a pesquisa).

4.3 Garantia de que receberá assistência especializada a qualquer eventual necessidade resultante do(s) procedimento(s) de pesquisa, seja essa necessidade, imediata ou tardia. (informar quem se responsabiliza, que tipo, como e por quem será oferecida a assistência).

4.4 Garantia do sigilo que assegure a privacidade do(a) participante quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e anonimato, visando preservar a integridade de seu nome e dos seus.

4.5 Garantia de que receberá retorno dos resultados da pesquisa e de sua publicação para fins acadêmicos e científicos, e que os dados coletados serão arquivados e ficarão sob a guarda do pesquisador, estando acessível a(o) participante quando desejar.

4.6 Garantia de que não terá nenhum ônus com o projeto, que será totalmente custeado pelo pesquisador e/ou patrocinador, e/ou instituição, e que será ressarcido de despesas decorrentes do projeto de pesquisa, como deslocamento, afastamento das atividades e/ou do trabalho, hospedagem, alimentação, bem como será indenizado por eventuais danos diretamente resultantes da pesquisa a curto, a médio ou longo prazo.

4.7 Garantia de que poderá buscar informações junto ao pesquisador responsável, que estará acessível para esclarecimentos e/ou dúvidas acerca do andamento, conclusão e publicação dos resultados, bem como, de que poderá buscar informações junto a UFCG., situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo S/N- Casas Populares, CEP: 58900-000, telefone: (083) 3532-2000. Cajazeiras – PB, que avaliou o trabalho e aprovou o Termo ora apresentado, ou a outras instâncias que podem esclarecer e defender seus direitos, caso manifeste esse desejo.

5. CONTATO(S) DISPONIBILIZADO(S) PELO(S) PESQUISADOR(ES)

Nome da/o pesquisadora/or: Euclides Ferreira Barros

5.1. Ciente da importância da participação do voluntário, o agradece por permitir sua inclusão no acima referido projeto de pesquisa;

5.2. Se compromete, reiteradamente, a cumprir a resolução 196/96, e prometem zelar fielmente pelo que neste termo ficou acordado;

5.3. Como prova de compromisso, disponibiliza seus dados para contato ao participante:

Dados completos da/o pesquisadora/or:

Nome: Euclides Ferreira Barros

Endereço: Rua Sebastião Cesar Leitão, nº 108B, Bairro Por do Sol, Cajazeiras – PB.

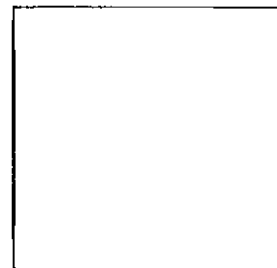
6. CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Após obter as informações e esclarecimentos sobre o referido projeto de pesquisa e, estando de acordo com o teor desse termo, o (a) participante ou seu representante (no caso de legalmente incapaz), o assina, recebendo uma via, consentindo sua inclusão no protocolo de pesquisa, de forma livre e gratuita. A outra via do termo fica reservada ao pesquisador, que também assina esse documento.

Município de Cajazeiras - PB, _____ de Maio de 2012.

Nome do Participante ou Responsável Legal
Pelos Educandos Menores.

Polegar



Assinatura do Pesquisador Responsável



QUESTIONÁRIO DO PROJETO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA O MONITOR

1. Caracterização do Entrevistado:

- Nome;
- Endereço Escolar e Residencial;
- Endereços eletrônicos e telefone;
- Faixa Etária;
- Escolarização;
- Área de atuação;

2. Quais experiências você já teve com as linguagens artística?

3. Qual a sua experiência no campo da arte?

4. Você já participou de algum curso de formação na área de arte?

5. Como são elaboradas/planejadas as oficinas de Arte no Programa Mais Educação?

6. Você considera que as artes são importante no ensino/aprendizagem dos educandos ?

7. Quais as metodologias usadas para ensinar Arte dentro do Programa Mais Educação?

8. Que tipo de matérias pedagógicas são usados para a realização das aulas de Arte?

9. Como se da à aquisição de matérias didáticos pedagógicos para a realização das oficinas de arte dentro do Programa Mais Educação?

10. Os educandos demonstram interesse nas aulas de Arte?

11. Como é a interação dos educandos nas aulas de Arte?

12. Quais as contribuições que o ensino de arte traz para o desenvolvimento do aprendizado dos educandos?



QUESTIONÁRIO DO PROJETO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1. Caracterização dos Entrevistados:

- Nome;
- Endereço da Escolar e Residencial;
- Endereços eletrônicos e telefone;
- Faixa Etária;
- Escolarização:

2. O que vocês entendem de arte?

3. Como é trabalhado o Teatro, a Dança e Música em sala de aula pela monitora?

4. Qual é a relação estabelecida entre o conteúdo das oficinas do Programa Mais Educação e o ensino de arte na sala de aula?

5. Você considera que a arte é importante na sua vida? Como? e porquê?

6. Como é que os monitores ensinam Artes, com livros ou com trabalhos artísticos de atividades práticas?

7. Que tipo de matérias são usados pelos monitores para a realização da oficina de Arte?

8. Quais são os materiais pedagógicos utilizados pelos professores em sala de aula nas aulas de artes?

9. Você se interessa em fazer as atividades nas oficinas de Arte no Programa Mais Educação? Sim ou não? Por quê?

10. O que mais estimulam você a estar e fazer parte no programa Mais Educação?

11. Como é que vocês participam nas aulas de Arte?

12. Você considera que a arte contribui para o seu aprendizado em relação a com as outras disciplinas?



QUESTIONARIO DO PROJETO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DE SALA DE AULA

1. Caracterização dos Entrevistados:

- Nomes;
- Endereço da Escolar e Residencial;
- Endereços eletrônicos e telefone;
- Faixa Etária;
- Escolarização:

2. Como é o comportamento em sala de aula dos educandos que participam do Programa Mais Educação?

3. De que maneira a participação dos estudantes nas oficinas do PME contribuem para o aprendizado escolar dos mesmos em sala de aula?

4. Qual é a sua opinião sobre a execução do Programa Mais Educação na escola?



QUESTIONÁRIO DO PROJETO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA A COORDENAÇÃO DA ESCOLA

1. Caracterização dos Entrevistados:

- Nomes;
- Endereço da Escolar e Residencial;
- Endereços eletrônicos e telefone;
- Faixa Etária;
- Escolarização:

2. O que você conhece sobre o Programa Mais Educação?

3. Como a Escola aderiu ou Programa Mais Educação?

4. Que visão educacional a escola tem sobre o Programa Mais Educação?

5. A quanto tempo o Programa Mais Educação esta vigorando na Escola?

6. Como esta se dando na prática a implementação do Programa Mais Educação na escola?

7. Como se estabelece a relação entre a direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moises Coelho e a coordenação do Programa Mais Educação?